Luz no Lar

Chico Xavier

por Espíritos diversos



Luz no Lar

Chico Xavier

Luz no Lar

(Seleta para uso no Culto do Evangelho no Lar)

Por Espíritos diversos

FEB

Copyright © 1968 *by*
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

12ª edição – 4ª impressão – 12/2014

ISBN IMPRESSO 978-85-7328-641-0
ISBN e-Book 978-85-69452-00-3

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB
Av. L2 Norte – Q. 603 – Conjunto F (SGAN)
70830-106 – Brasília (DF) – Brasil
www.febeditora.com.br
editorial@febnet.org.br
+55 61 2101 6198

Pedidos de livros à FEB
Gerência comercial – Rio de Janeiro
Tel.: (21) 3570 8973/ comercialrio@febnet.org.br
Gerência comercial – São Paulo
Tel.: (11) 2372 7033/ comercialsp@febnet.org.br
Livraria – Brasília
Tel.: (61) 2101 6161/ falelivraria@febnet.org.br

Texto revisado conforme o novo acordo ortográfico.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Federação Espírita Brasileira – Biblioteca de Obras Raras)

X3l Xavier, Francisco Cândido, 1910–2002

Luz no lar: (seleta para uso no Culto do Evangelho no Lar) / por Espíritos diversos; [psicografado por] Francisco Cândido Xavier. – 12. ed. – 4. imp. – Brasília: FEB, 2014.

180 p.; 21cm

ISBN 978-85-7328-641-0

1. Bíblia e Espiritismo. 2. Espiritismo. 3. Obras psicografadas. I. Federação Espírita Brasileira. II. Título.

CDD 133.93
CDU 133.7
CDE 80.03.00

Sumário

Antecâmara
1
Culto cristão no lar
2
Jesus em casa
3
Angústia materna
4
Meu lar
5
No reino doméstico
6
Colombina
7
Mãe
8
Sempre amor
9
Luz no lar
10
Conversa em casa
11
Na intimidade doméstica
12
Lamento paterno

13
Mãe
14
Ternura maternal
15
Verdugo e vítima
16
Oração da criança
17
A lenda da criança
18
O berço
19
Aborto delituoso
20
Filho que não nasceu
21
Ante o divórcio
22
Oração à mulher
23
No templo do lar
24
Renúncia
25
Carta paterna
26
Lei de amor

27
O grito de cólera
28
Professores diferentes
29
Companheiros mudos
30
Carta aos pais
31
Um desastre
32
Solução natural
33
A infância
34
Resposta do Além
35
Carta a meu filho
36
Pequeninos
37
Versos a minha mãe
38
Confidência de mãe
39
História de um pão
40
Essas outras crianças

41
Álbum materno
42
Cristo em casa
43
A mulher ante o Cristo
44
Saudade vazia
45
Surpresa
46
No lar
47
Coração maternal
48
Trovas de mãe
49
Em casa
50
Provação materna
51
Mensagem da criança ao homem
52
Conselho materno
53
Preparação familiar
54
Santa maternidade

55
Papai rico
56
Meu filho
57
Crianças doentes
58
O irmãozinho
59
Pais e filhos
60
O culto cristão no lar
61
Confissão materna
62
Paz em casa
Credores no lar
64
Compaixão em família
65
Mãe, Deus te abençoe!...

Antecâmara

“O culto do Evangelho em casa conta hoje com numerosos núcleos.

Por que não escrevem os amigos desencarnados um volume particularmente dedicado a semelhante serviço?”

*

“Queríamos um livro que nos desse algumas noções de lar e família, à luz da reencarnação.”

*

“Realmente não temos, por agora, tempo bas tante para despender com a leitura de um tratado religioso, em nossas reuniões familiares, mas estimaríamos possuir um livro simples para estudos rápidos e independentes uns dos outros, no qual pudéssemos meditar as lições de Jesus, conver sando...”

*

“Não ignoramos as obras notáveis em torno do Evangelho; entretanto, para os entendimentos em casa, no culto da oração, cremos nos seria de grande valor o manuseio de páginas ligeiras, mas edificantes, que nos ajudassem a pensar sobre as verdades do espírito, sem longo esforço.”

*

“Não poderemos ter um facilitador para assi milar as ideias espíritas-cristãs?”

*

“Atualmente, o culto do Evangelho em casa pede um conjunto de lições práticas para reger a conversação destinada a explicar os ensinamentos de Jesus.”

*

“Sim, dispomos de excelentes volumes para o exame sistemático do Evangelho, não só na Dou trina Espírita, quanto igualmente em outros cír culos religiosos, mas reconhecemos a necessidade de mais livros para o culto do nosso Divino Mestre, na intimidade do lar, livros que nos revelem os pre ceitos cristãos de maneira tão simples quanto pos sível.”

*

Respondendo às solicitações dessa natureza, com que temos sido honrados por muitos amigos, reunimos os recursos da lavoura espírita-evangé lica, de que se constitui este livro, para ofertá-los aos leitores amigos.

E creiam todos eles que assim procedemos não porque sejam colhidos de merecimento nosso, mas por serem frutos, flores e sementes da Seara do Senhor, lançados pela bondade do Senhor no solo de nossos corações. E, ao fazê-lo, rogamos a Ele, o Divino Semeador, nos conceda força e diretriz, compreensão e discernimento para cultivá-los, em nosso proveito, de modo a transformarmos a nossa área de ação em gleba de amor e luz para a Vida Eterna.

EMMANUEL

Uberaba (MG), 18 de junho de 1968.

1

Culto cristão no lar

O culto do Evangelho no lar não é uma ino vação, é uma necessidade em toda parte onde o Cristianismo lance raízes de aperfeiçoamento e su blimação.

A Boa-Nova seguiu da manjedoura para as praças públicas e avançou da casa humilde de Simão Pedro para a glorificação no Pentecostes.

A palavra do Senhor soou, primeiramente, sob o teto simples de Nazaré e, certo, se fará ouvir, de novo, por nosso intermédio, antes de tudo, no cír culo dos nossos familiares e afeiçoados, com os quais devemos atender às obrigações que nos competem no tempo.

Quando o ensinamento do Mestre vibra entre as quatro paredes de um templo doméstico, os pequeninos sacrifícios tecem a felicidade comum.

A observação impensada é ouvida sem revolta.

A calúnia é isolada no algodão do silêncio.

A enfermidade é recebida com calma.

O erro alheio encontra compaixão.

A maldade não encontra brechas para insi nuar-se.

E aí, dentro desse paraíso que alguns já estão edificando, em benefício deles e dos outros, o estímulo é um cântico de solidariedade incessante; a bon dade é uma fonte inexaurível de paz e entendimento; a gentileza é inspiração de todas as horas; o sorriso é a sombra de cada um, e a palavra permanece re vestida de

luz, vinculada ao amor que o Amigo ce leste nos legou.

Somente depois da experiência evangélica do lar, o coração está realmente habilitado para dis tribuir o pão divino da Boa-Nova junto da multi dão, embora devamos o esclarecimento amigo e o conselho santificante aos companheiros da roma gem humana, em todas as circunstâncias.

Não olvidemos, assim, os impositivos da apli cação com o Cristo, no santuário familiar, onde nos cabe o exemplo de paciência, compreensão, frater nidade, serviço, fé e bom ânimo, sob o reinado legí timo do amor, porque, estudando a palavra do Céu em quatro Evangelhos, que constituem o Testamen to da Luz, somos, cada um de nós, o quinto Evan gelho inacabado, mas vivo e atuante, que estamos escrevendo com os próprios testemunhos, a fim de que a nossa vida seja uma revelação de Jesus, aberta ao olhar e à apreciação de todos, sem necessidade de utilizarmos muitas palavras na advertência ou na pregação.

EMMANUEL

2

Jesus em casa

O culto do Mestre em casa
É novo sol que irradia
A música da alegria
Em santa e bela canção.
É a glória de Deus que vaza
O dom da Graça Divina,
Que regenera e ilumina
O templo do coração.
Ouvida a bênção da prece,
Na sala doce e tranquila,
A lição do bem cintila
Como um poema a brilhar.
O verbo humano enaltece
A caridade e a esperança.
Tudo é bendita mudança

No plano familiar.
Anula-se a malquerença,
A frase é contente e boa.
Quem guarda ofensas perdoa,
Quem sofre agradece à cruz.
A maldade escuta e pensa
E o vício da rebeldia
Perde a máscara sombria...
Toda névoa faz-se luz!
Na casa fortalecida
Por semelhante alimento,
Tudo vibra entendimento
Sublime e renovador.
O dever governa a vida,
Vozes brandas falam calmas...
É Jesus chamando as almas
Ao Reino do Eterno Amor!

IRENE S. PINTO

3

Angústia materna

O coração materno é uma taça de amor em que a vida se manifesta no mundo.

Ser mãe é ser um poema de reconforto e ca rinho, proteção e beleza.

Entretanto, quão grave é o ofício da verdadeira maternidade!...

Levantam-se monumentos de progresso entre os homens e devemo-los, em grande parte, às mães abnegadas e justas, mas erguem-se penitenciárias sombrias e devemo-las, na mesma proporção, às mães indiferentes e criminosas.

É que, muitas vezes, transformamos o mel da ternura, destinado por Deus à alimentação dos ser vidores da Terra, em veneno do egoísmo que gera monstros.

Fala-vos pobre mulher desencarnada, supor tando, nas esferas inferiores, o peso de imensa an gústia.

Resumirei meu caso para não inquietar-vos com a minha dor.

Moça ainda, desposei Claudino, um homem dig no e operoso, que ganhava honestamente o pão de cada dia em atividades comerciais.

Um filhinho era o maior ideal de nossos cora ções entrelaçados no mesmo sonho.

E, por essa razão, durante seis anos consecuti vos, orei fervorosamente, suplicando a Deus nos concedesse essa bênção...

Uma criança que nos trouxesse a verdadeira alegria, que nos consolidasse o reino de amor e fe licidade...

Depois de seis anos, o filhinho querido vagia em nossos braços.

Chamamos-lhe Pedro, em homenagem ao se gundo Imperador do Brasil, cuja personalidade nos merecia entranhado respeito.

Contudo, desde as primeiras horas em que me fizera mãe, inesperado exclusivismo me tomou o espírito fraco.

Acalentei meu filho como se a alma de uma leoa me despertasse no seio.

Não obstante os protestos de meu marido, criei Pedro tão somente para a minha admiração, para o meu encantamento e para o círculo estreito de nossa casa.

Muitas vezes perdia-me em cismas fantasiosas, arquitetando para ele um futuro diferente, no qual, mais rico e mais poderoso que os outros homens, vivesse consagrado à dominação.

Por esse motivo, mal ensaiando os primeiros passos, Pedro, estimulado por minha leviandade e invigilância, procurava ser forte em mau sentido.

Garantido por mim, apedrejava a casa dos vi zinhos, humilhava os companheiros e entregava-se, no templo doméstico, aos caprichos que bem enten desse.

Debalde Claudino me advertia, atencioso.

Meus princípios, porém, eram diversos dos dele e eu queria meu filho para vaidosamente reinar.

Na escola primária, Pedro se fez pequenino demônio.

Desrespeitava, perturbava, destruía...

Ainda assim, vivia eu mesma questionando com os professores para que lhe fossem assegurados privilégios especiais.

A criança era transferida de estabelecimento a estabelecimento, porque instrutores e serventes me temiam a agressividade sempre disposta a ferir.

Em razão disso, na primeira mocidade, vi meu filho incapacitado para mais amplos estudos.

A índole de Pedro não se compadecia com qual quer disciplina, porque eu, sua mãe, lhe favorecera o despotismo, a vaidade e o orgulho gritantes.

Quando nosso rapaz completou dezesseis anos, o pai amoroso e correto providenciou-lhe tarefa digna, mas, findo o terceiro dia de trabalho, Pedro chegou em casa choramingando, a queixar-se do chefe, e eu, em minha imprudência, lhe aceitei as lamentações e exigi que Claudino lhe dobrasse a mesada, retirando-o do emprego em que, a meu ver, apenas encontraria pesares e humilhações.

O esposo me fez ver a impropriedade de seme lhante procedimento; no entanto, amava-me demais para contrariar-me os caprichos e, a breve tempo, nosso filho entregou-se a deploráveis dissipações.

Aquele para quem idealizara um futuro de rei chegava ao lar em horas avançadas da noite, cam baleando de embriaguez.

O olhar piedoso de Claudino para as minhas lágrimas dava-me a entender que as minhas preo cupações surgiam demasiado tarde.

Todos os meus cuidados foram então inúteis.

Gastador e viciado, Pedro confiou-se à bebida, à jogatina, comprometendo-se num estelionato de grandes proporções em que o nome paterno se en volveu numa dívida muito superior às possibilidades de nossa casa.

Claudino, desditoso e envergonhado, adoeceu, sem que os médicos lhe identificassem a enfermi dade, falecendo após longos meses de martírio si lencioso.

Morto aquele que me fora companheiro devotadíssimo, vendi nossa residência para solver gran des débitos.

Recolhi-me com Pedro num domicílio modesto; entretanto, embora me empregasse, aos cinquenta anos, para atender-lhe as necessidades, comecei a sofrer, das mãos de meu filho ébrio, dilacerações e espancamentos.

Certa noite, não pude conter-lhe os criminosos impulsos e caí golfando sangue...

Internada num hospital de emergência, senti medo de partilhar o mesmo

teto com o homem que meu ventre gerara com desvelado carinho e que se me transformara em desapiedado verdugo.

Fugi-lhe, assim, ao convívio.

Procurei velha companheira da mocidade, pas sando a morar com ela num bairro pobre.

E, juntas, organizamos pequeno bazar de quinquilharias.

Pensava em meu filho, agora, entre a saudade e a oração, entregando-o à proteção da Virgem San tíssima.

Finda a tarefa diária, recolhia-me a sós em singelo aposento, trazendo em minhas mãos o re trato de Pedro e rogando ao Anjo dos Desvalidos amparasse aquele cuja posição moral eu apenas soubera agravar com desleixo delituoso.

Amealhei algum dinheiro...

Dez anos correram apressados sobre a minha nova situação.

E porque as nossas migalhas viviam entesou radas em meu quarto de velha indefesa, cada noite me armava de um revólver sob o travesseiro, ao mesmo tempo que desbotada fotografia era acari ciada por minhas mãos.

Numa noite chuvosa e escura, observei que um homem me rondava o leito humilde.

Alteava-se a madrugada.

O desconhecido vasculhava gavetas procurando algo que lhe pudesse, naturalmente, atender à vi ciação.

Não hesitei um momento.

Saquei da arma e buscava a mira correta para que o tiro fosse desfechado com segurança, quando a luz de um relâmpago penetrou a vidraça...

Apavorada, reconheci, no semblante do homem que me invadia a casa, meu filho Pedro, convertido em ladrão.

Esmoreceram-se-me os braços.

Quis gritar, mas não pude.

A comoção insofreável como que me estran gulava a garganta.

Contudo, através do mesmo clarão, Pedro me vira armada e bradou, sem reconhecer-me de pronto:

— Não me mates, megera! Não me mates!

Avançou sobre mim como fera sobre a presa vencida e, despojando-me do revólver a pender-me das mãos desfalecentes, sufocou-me com os dedos que eu tantas vezes havia acariciado, e que me as fixiavam, agora, como garras assassinas...

Não consegui, realmente, pronunciar uma só palavra.

No entanto, ligada ainda ao meu corpo, meus olhos e meus ouvidos funcionavam eficientes.

Registrei-lhe o salto rápido sobre o acendedor de luz...

Naturalmente, ele agora contava simplesmente com um cadáver.

Contemplei-o com a ternura da mulher que ainda ama, apesar de sentir-se em derrocada su prema, e notei que Pedro se inclinou, instintiva mente, para a minha mão esquerda, crispada, a guardar-lhe a fotografia.

Horrorizado, exclamou:

— Mãe, minha mãe! Pois és tu?

Para falar com franqueza, daria tudo para vol ver ao equilíbrio orgânico, acariciar-lhe de novo os cabelos e dizer-lhe: “Filho querido, não se preo cupe! Regenere-se e sejamos felizes voltando a vi ver juntos! Estou velha e cansada... Fique comigo! Fique comigo!...”.

Entretanto, minha língua jazia inanimada e minhas mãos estavam hirtas.

Lágrimas ardentes borbotavam-me dos olhos parados, enquanto a voz querida me gritava estri dente:

— Mamãe! Mamãe! Minha mãe!...

Um sono profundo, pouco a pouco, se apoderou de mim e somente mais tarde acordei numa casa de socorro espiritual, onde pude reconstituir minhas

forças para empreender a restauração de minha alma diante da Lei.

No entanto, até agora, busco meu filho para rogarmos juntos a bênção da reencarnação para que eu possa extirpar-lhe do sentimento a hera maldita do orgulho e do egoísmo, da viciação e da cruel dade.

E, enquanto sofro as consequências de meus erros deliberados, posso clamar para as minhas companheiras do mundo:

— Mães da Terra, educai vossos filhos! Afagai-os no carinho e na retidão, na justiça e no bem.

“Uma criança no berço é um diamante do Céu para ser burilado.

“Lembrai-vos de que o próprio Deus, con duzindo à Terra o seu Filho divino, nosso Senhor Jesus Cristo, fê-lo nascer numa estrebaria, deu-lhe trabalho numa oficina singela, induziu-o a viver em serviço dos semelhantes e permitiu que Ele, o Justo, fosse imerecidamente imolado aos tormen tos da cruz.”

SEBASTIANA PIRES

4

Meu lar

Meu lar é um ninho quente, belo e doce,

Meu generoso e abençoado asilo,

Onde meu coração vive tranquilo

Na sacrossanta paz que Deus me trouxe.
Meu refúgio sereno de esperança,
Nele encontro essa luz terna e divina
Do amor que aperfeiçoa, ampara e ensina
Minh’alma ingênua e frágil de criança.

O lar é a minha escola mais querida,

Doce escola em que nunca me confundo,

Onde aprendo a ser nobre para o mundo

E a ser alegre e forte para a vida.

JOÃO DE DEUS

5

No reino doméstico

Você, meu amigo, pergunta que papel desem penhará o Espiritismo na ciência das relações so ciais, e, muito simplesmente, responderei que, alia do ao Cristo, o nosso movimento renovador é a chave da paz entre as criaturas.

Já terá refletido, porventura, na importância da compreensão generalizada, com respeito à jus tiça que nos rege a vida e à fraternidade que nos cabe construir na Terra?

A Sociologia não é a realização de gabinete. É obra viva que interessa o cerne do homem, de modo a plasmar-lhe o clima de progresso subs tancial.

Reporta-se você ao amargo problema dos ca samentos infelizes, como se o matrimônio fosse o único enigma na peregrinação humana, mas se es quece de que a alma encarnada é surpreendida, a cada passo, por escuros labirintos na vida de asso ciação.

Habitualmente, renascem juntos, sob os elos da consanguinidade, aqueles que ainda não acer taram as rodas do entendimento, no carro da evo lução, a fim de trabalharem com o abençoado buril da dificuldade sobre as arestas que lhes impedem a harmonia. Jungidos à máquina das convenções respeitáveis, no instituto familiar, caminham, lado a lado, sob os aguilhões da responsabilidade e da tradição, sorvendo o remédio amargoso da convi vência compulsória para sanarem velhas feridas não manifestas.

E, nesse vastíssimo roteiro de Espíritos em desajuste, não identificaremos tão somente os côn juges infortunados. Além deles, há fenômenos sen timentais

mais complexos. Existem pais que não toleram os filhos, e mães que se voltam, impassí veis, contra os próprios descendentes. Há filhos que se revelam inimigos dos progenitores, e irmãos que se exterminam dentro do magnetismo degene rado da antipatia congênita, dilacerando-se uns aos outros, com os raios mortíferos e invisíveis do ódio e do ciúme, da inveja e do despeito, apaixonada mente cultivados no solo mental.

Os hospitais e, principalmente, os manicômios apresentam significativo número de enfermos que não passam de mutilados espirituais dessa guerra terrível e incruenta na trincheira mascarada sob o nome de Lar. Batizam-nos os médicos com rotu lagens diversas, na esfera da diagnose complicada; entretanto, na profundez das causas, reside a in fluência maligna da parentela consanguínea que, não raro, copia as atitudes da tribo selvagem e enfurecida. Todos os dias, semelhantes farrapos humanos atravessam os pórticos das casas de saú de ou de caridade, à maneira de restos indefiníveis de náufragos, perdidos em mar tormentoso, pro curando a terra firme da costa, pela onda móvel.

Não tenha dúvida.

O homicídio, nas mais variadas formas, é intensamente praticado sem armas visíveis, em todos os quadrantes do planeta.

Em quase toda a parte, vemos pais e mães que expressam ternura ante os filhos desventu rados, e que se revoltam contra eles toda vez que se mostram prósperos e felizes. Há irmãos que não suportam a superioridade daqueles que lhes partilham o nome e a experiência, e companheiros que apenas se alegram com a camaradagem nas horas de necessidade e infortúnio.

Ninguém pode negar a existência do amor no fundo das multiformes uniões a que nos referimos, mas esse amor ainda se encontra, à maneira do ouro inculto, incrustado no cascalho duro e con tundente do egoísmo e da ignorância que, às vezes, matam sem a intenção de destruir e ferem sem perceber a inocência ou a grandeza de suas vítimas.

Por isso mesmo, o Espiritismo com Jesus, con vidando-nos ao sacrifício e à bondade, ao conheci mento e ao perdão, aclarando a origem de nossos antagonismos e reportando-nos aos dramas por nós todos já vividos no pretérito, acenderá um facho de luz em cada coração, inclinando as almas rebeldes ou

enfermiças à justa compreensão do programa sublime de melhoria individual, em favor da tran quilidade coletiva e da ascensão de todos.

Desvelando os horizontes largos da vida, a Nova Revelação dilatará a esperança, o estímulo à virtude e à educação em todas as inteligências amadurecidas na boa vontade, que passarão a en tender nas piores situações familiares pequenos cur sos regenerativos, dando-se pressa em aceitá-los com serenidade e paciência, de vez que a dor e a morte são invariavelmente os oficiais da Divina Justiça, funcionando com absoluto equilíbrio, em todas as direções, unindo ou separando almas, com vistas à prosperidade do Infinito Bem.

Assim, pois, meu caro, dispense-me da obri gação de mais comentários, que se fariam te diosos em nossa época de esclarecimento rápido, pela condensação dos assuntos que dizem respeito ao soerguimento da Terra.

Observe e medite.

E, quando perceber a imensa força ilumina tiva do Espiritismo Cristão, você identificará Jesus como o Sociólogo Divino do mundo e verá no Evangelho o código de ouro e luz, em cuja aplicação pura e simples reside a verdadeira re denção da Humanidade.

IRMÃO X

6

Colombina

Mascarada mulher o rabecão trouxera.

Morrera em pleno baile a frágil Colombina

E, no egrégio salão de culto à Medicina,

O professor leciona, em voz veemente e austera:

“— Rapazes, contemplai! É rameira e menina. Tombou ébria no vício e com certeza era

Devassa meretriz, mistura de anjo e fera,

Flor de lama e prazer, Vênus e Messalina”.

Em seguida, a cortar, rompe a seda sem custo, Desnuda-lhe, solene, a alva pele do busto,

Afasta, indiferente, as flores de rendilha...

No entanto, ao descobrir-lhe a face triste e bela,

O mestre cambaleia e chora junto dela...

Encontrara na morta a sua própria filha.

JÚLIA CORTINES

7

Mãe

Quando Jesus ressurgiu do túmulo, a negação e a dúvida imperavam no círculo dos companheiros.

Voltaria Ele?, perguntavam, perplexos. Quase impossível. Seria Senhor da vida eterna quem se entregara na cruz, expirando entre malfeitores?

Maria Madalena, porém, a renovada, vai ao sepulcro de manhãzinha. E, maravilhosamente sur preendida, vê o Mestre, ajoelhando-se-lhe aos pés. Ouve-lhe a voz repassada de ternura, fixa-lhe o olhar sereno e magnânimo. Entretanto, para que a visão se lhe fizesse mais nítida, foi necessário organizar o quadro exterior. O jardim recendia perfumes para a sua sensibilidade feminina, a se pultura estava aberta, compelindo-a a raciocinar. Para que a gravação das imagens se tornasse bem clara, lavando-lhe todas as dúvidas da imaginação, Maria julgou a princípio que via o jardineiro. An tes da certeza, a perquirição da mente precedendo a consolidação da fé. Embriagada de júbilo, a convertida de Magdala transmite a boa-nova aos discípulos confundidos. Os olhos sombrios de quase todos se enchem de novo brilho.

Outras mulheres, como Joana de Cusa e Ma ria, mãe de Tiago, dirigem-se, ansiosas, para o mesmo local, conduzindo perfumes e preces gra tulatórias. Não enxergam o Messias, mas entidades resplandecentes lhes falam do Mestre que partiu.

Pedro e João acorrem, pressurosos, e ainda veem a pedra removida, o sepulcro vazio e apal pam os lençóis abandonados.

No colégio dos seguidores, travam-se polêmicas discretas.

Seria? não seria?

Contudo, Jesus, o amigo fiel, mostra-se aos aprendizes no caminho de Emaús, que lhe reconhe cem a presença ao partir do pão e, depois, aparece aos onze cooperadores num salão de Jerusalém.

As portas permanecem fechadas e, no entanto, o Senhor demora-se, junto deles, plenamente mate rializado. Os discípulos estão deslumbrados, mas o olhar do Messias é melancólico. Diz-nos João Marcos que o Mestre lançou-lhes em rosto a incre dulidade e a dureza de coração. Exorta-os a que o vejam, que o apalpem. Tomé chega a consultar -lhe as chagas para adquirir a certeza do que ob serva. O Celeste Mensageiro faz-se ouvir para todos. E, mais tarde, para que se convençam os companheiros de sua presença e da continuidade de seu amor, segue- -os, em espírito, no labor da pesca. Simão Pedro registra-lhe carinhosas reco mendações, ao lançar as redes, e encontra-o nas preces solitárias da noite.

Em seguida, para que os velhos amigos se certifiquem da ressurreição, materializa-se num monte, aparecendo a quinhentas pessoas da Gali leia.

No Pentecostes, a fim de que os homens lhe recebam o Evangelho do Reino, organiza fenôme nos luminosos e linguísticos, valendo-se da colabo ração dos companheiros, ante judeus e romanos, partos e medas, gregos e elamitas, cretenses e árabes. Maravilha-se o povo. Habitantes da Pan fília e da Líbia, do Egito e da Capadócia ouvem a Boa-Nova no idioma que lhes é familiar.

Decorrido algum tempo, Jesus resolve modifi car o ambiente farisaico e busca Saulo de Tarso para o seu ministério; entretanto, para isso, é compelido a materializar-se no caminho de Da masco, a plena luz do dia. O perseguidor impla cável, para convencer-se, precisa experimentar a cegueira temporária, após a claridade sublime; e para que Ananias, o servo leal, dissipe o temor e vá socorrer o ex-verdugo, é imprescindível que Jesus o visite, em pessoa, lembrando-lhe o obséquio fraternal.

Todos os companheiros, aprendizes, seguido res e beneficiários solicitaram a cooperação dos sentidos físicos para sentir a presença do Divino Ressuscitado. Utilizaram-se dos olhos mortais, manejaram o tato, aguçaram os ouvidos...

Houve, contudo, alguém que dispensou todos os toques e associações mentais, vozes e visões. “Foi Maria, sua divina mãe. O Filho bem-amado vivia eternamente no infinito mundo de seu co ração. Seu olhar contemplava-o, através de todas as estrelas do Céu, e encontrava-lhe o hálito perfu mado em todas as flores da Terra. A voz dele vibrava em sua alma e, para compreender-lhe a sobrevivência, bastava penetrar o iluminado san tuário de si mesma. Seu Filho — seu amor e sua vida — poderia, acaso, morrer? E, embora a sau dade angustiosa, consagrou-se à fé no reencontro espiritual, no plano divino, sem lágrimas, sem som bras e sem morte!...

.....

Homens e mulheres do mundo, que haveis de afrontar, um dia, a esfinge do sepulcro, é possível que estejais esquecidos plenamente, no dia imediato ao de vossa partida, a caminho do Mais Além. Fami liares e amigos, chamados ao imediatismo da luta humana, passarão a desconhecer-vos, talvez, por completo. Mas, se tiverdes um coração de mãe pul sando na Terra, regozijar-vos-eis, além da escura fronteira de cinzas, porque aí vivereis amados e fe lizes para sempre!

IRMÃO X

8

Sempre amor

Torno, ansioso, da morte à casa que deixara...
Os meus, o lar, o amor... eis tudo o que ambiciono.
Entro. Lá fora, o parque, a tristeza, o abandono...
Mormaço, plenilúnio, vento, a noite clara...
Debalde grito, corro, observo, inspeciono...
Subo. Um morcego ronda pequena almenara...
Nada. Ninguém me espera. A vida desertara.
Tudo silêncio e pó de tapera sem dono...
Sofro desilusão que o mundo não descreve,
Mas alguém abre a porta e me chama, de leve...
Fito pobre mulher... Na face, o olhar sem brilho...
Conheço-a!... Minha mãe!... Quanta saudade,
quanta!...
Vem lembrar-me a rezar... Beijo-lhe as mãos
de santa!...

Ela chora e repete: “Ah! meu filho! meu filho!...”.

JORGE MATOS

9

Luz no lar

Se a tempestade nos devasta as plantações, não nos esqueçamos do espaço divino do lar, onde o canteiro de nossa boa vontade, na vinha do Senhor, deve e pode florir para a frutificação, em benefício de todos.

Organizemos o nosso agrupamento doméstico do Evangelho.

O lar é o coração do organismo social.

Em casa, começa nossa missão no mundo.

Entre as paredes do templo familiar, prepa ramo-nos para a vida com todos.

Seremos, lá fora, no grande campo da experiên cia pública, o prosseguimento daquilo que já somos na intimidade de nós mesmos.

Fujamos à frustração espiritual e busquemos no relicário doméstico o sublime cultivo dos nossos ideais com Jesus.

O Evangelho foi iniciado na manjedoura e demorou-se na casa humilde e operosa de Nazaré antes de espraiar-se pelo mundo.

Não há serviço da fé viva sem aquiescência e concurso do coração.

Se possível, continuemos trabalhando sob a tormenta, removendo os espinheiros da discórdia ou transformando as pedras do mal em flores de compreensão, suportando, com heroísmo, o clima do sacrifício, mas, se a ventania nos compele a pau sas de repouso, não admitamos o bolor do desâ nimo nos serviços iniciados.

Sustentemos em casa a chama de nossa espe rança, estudando a Revelação Divina, praticando a fraternidade e crescendo em amor e sabedoria, porque, segundo a promessa do Evangelho Reden tor, “onde estiverem dois ou três corações reunidos em seu nome”, aí estará Jesus, amparando-nos para a ascensão à Luz celestial, hoje, amanhã e sempre.

SCHEILLA

10

Conversa em casa

O suor da paciência
Encontra a luz por remate.
Não há provação difícil,
O medo é que nos abate.

*

Conserva-te nobre e simples
Para que o bem não se torça.
Muita vez, a ingenuidade
É grande sinal de força.

*

Venceste? Trabalha sempre,
Sem detenção no passado.
O herói que vive da fama
É um vivo-morto enfeitado.

*

No que tange a confidências,
Fala a Deus em tua prece.
Quem melhor guarda um segredo
É aquele que o desconhece.

*

Cultiva a reta intenção
Em tua própria defesa...
Mesmo vítima do engano,
Sinceridade é grandeza.

*

Onde tens o coração
Reténs o próprio tesouro...
O dinheiro que escraviza
É dura algema de ouro.

*

Compra, guarda e ajunta livros,
Mas estuda, dia a dia.
Mostrar a biblioteca
Não mostra sabedoria.

*

Perdoa e ajuda amparando
Como as terras generosas,
Que dão, em troco de estrume,
Pão e bênção, vida e rosas.

CASIMIRO CUNHA

11

Na intimidade doméstica

A história do bom samaritano, repetidamente estudada, oferece conclusões sempre novas.

O viajante compassivo encontra o ferido anô nimo na estrada.

Não hesita em auxiliá-lo.

Estende-lhe as mãos.

Pensa-lhe as feridas.

Recolhe-o nos braços sem qualquer ideia de preconceito.

Condu-lo ao albergue mais próximo.

Garante-lhe a pousada.

Olvida conveniências e permanece junto dele enquanto necessário.

Abstém-se de indagações.

Parte ao encontro do dever, assegurando-lhe a assistência com os recursos da própria bolsa, sem prescrever-lhe obrigações.

*

Jesus transmitiu-nos a parábola, ensinando-nos o exercício da caridade real, mas, até agora, trans corridos quase dois milênios, aplicamo-la, via de regra, às

pessoas que não nos comungam o quadro particular.

Quase sempre, todavia, temos os caídos do reduto doméstico.

Não descem de Jerusalém para Jericó, mas tombam da fé para a desilusão e da alegria para a dor, espoliados nas melhores esperanças, em rudes experiências.

Quantas vezes surpreendemos as vítimas da obsessão e do erro, da tristeza e da provação, den tro de casa!

Julgamos, assim, que a parábola do bom samaritano produzirá também efeitos admiráveis toda vez que nos decidirmos a usá-la na vida íntima, compreendendo e auxiliando os vizinhos e companheiros, parentes e amigos, sem nada exigir e sem nada perguntar.

EMMANUEL

12

Lamento paterno

Ah! meu filho, na concha de teu peito,
Via-te o coração por céu vindouro,
Encerravas contigo, meu tesouro,
O futuro risonho, alto e perfeito.
Entretanto, prendi-te a cruzes de ouro,
Cujo peso carregas sem proveito,
Abatido, cansado, insatisfeito,
Arrojado a medonho sorvedouro...
Recolheste, no encanto de meu jugo,
O fascínio da posse por verdugo
E a preguiça forjando horrendas pragas.
Hoje, chamo-te em vão... Ouves apenas
O dinheiro vazio que armazenas
Na demência da usura em que te apagas!...

José Guedes

13

Mãe

Um dia, a Mulher solitária e atormentada che gou ao Céu e, rojando-se, em lágrimas, diante do Eterno Pai, suplicou:

— Senhor, estou só! Compadece-te de mim.

“Meu companheiro fatigado, cada dia, pede-me repouso e devo velar-lhe o sono! Quando triunfa no trabalho, absorve-se na atividade mais intensa e, muita vez distraído, afasta-se do lar, aonde volta somente quando exausto, a fim de refazer-se. Se sofre, vem a mim, abatido, buscando restauração e conforto...

“Tu que deste flores ao arvoredo e que abriste as carícias da fonte, no seio escuro e ressequido do solo, consagras-me, assim, ao insulamento? Reser vaste a terra inteira ao serviço do homem que se agita, livre e dominador, sobre montes e vales, e concedes a mim apenas o estreito recinto da casa, entre quatro paredes, para meditar e afligir-me sem consolo? Se sou a companheira do homem que se vale de mim para lutar e viver, quem me acompanhará na missão a que me destinas?”

O Senhor sorriu, complacente, em seu trono de estrelas fulgurantes, e, afagando-lhe a cabeça curvada e trêmula, falou compadecido:

— Dei o mundo ao homem, mas confiarei a vida ao teu coração.

Em seguida colocou-lhe nos braços uma frágil criança.

Desde então, a Mulher fez-se Mãe e passou a viver plenamente feliz.

MEIME

14

Ternura maternal

I

As paredes da casa em vão procuro,
Quero dizer adeus e não consigo...
Vejo apenas o vulto amargo e amigo
Da morte que me estende o manto escuro.
Choro a estirar-me, trêmulo e inseguro,
O leito ensaia a pedra do jazigo...
Padeço, clamo e indago a sós comigo,
Qual pássaro que tomba contra um muro.
A névoa espessa enreda o corpo langue,
É o terrível crepúsculo do sangue
Que me tinge de sombra os olhos baços;
Mas surge alguém, no caos que me entontece,
É minha mãe, que alonga as mãos em prece,
Doce estrela brilhando entre meus braços!...

II

Ave que torna, em chaga, ao brando ninho.
Ouço divina música na sala,
É a sua voz celeste que me embala,
Motes do lar que tornam de mansinho.
Ergo-me agora... O corpo é o pelourinho
De que me desvencilho por beijá-la...
— Mãe! Minha mãe!... — suspiro, erguendo a fala,
A soluçar de júbilo e carinho.
— Dorme, filho querido! Dorme e sonha!...
Nossa velha canção terna e risonha
Regressa com beleza indefinida...
Tomo-lhe os braços em que me acrisolo
E durmo novamente no seu colo
Para acordar no berço de outra vida.

CARLOS D. FERNANDES

15

Verdugo e vítima

O rio transbordava.

Aqui e ali, na crista espumosa da corrente pesada, boiavam animais mortos ou deslizavam toras e ramarias.

Vazantes em torno davam expansão ao crescente lençol de massa barrenta.

Famílias inteiras abandonavam casebres, sob a chuva, carregando aves espantadiças, quando não estivessem puxando algum cavalo magro.

Quirino, o jovem barqueiro, que 26 anos de sol no sertão haviam enrijado de todo, ruminava plano sinistro.

Não longe, em casinhola fortificada, vivia Licurgo, conhecido usurário das redondezas.

Todos o sabiam proprietário de pequena fortuna a que montava guarda, vigilante.

Ninguém, no entanto, poderia avaliar-lhe a extensão, porque, sozinho, envelhecera e, sozinho, atendia às próprias necessidades.

“O velho”, dizia Quirino de si para con sigo, “será atingido na certa. É a primeira vez que surge uma cheia como esta. Agarrado aos próprios haveres, será levado de roldão... E se as águas devem acabar com tudo, por que não me beneficiar? O homem já passou dos setenta... Morrerá a qualquer hora. Se não for hoje, será amanhã, depois de amanhã... E o dinheiro guar dado? Não poderia

servir para mim, que estou moço e com pleno direito ao futuro?...”

O aguaceiro caía sempre, na tarde fria.

O rapaz, hesitante, bateu à porta da chou pana molhada.

— “Seu” Licurgo! “Seu” Licurgo!...

E, ante o rosto assombrado do velhinho que assomara à janela, informou:

— Se o senhor não quer morrer, não demore. Mais um pouco de tempo e as águas chegarão... Todos os vizinhos já se foram...

— Não, não... — resmungou o proprietário —, moro aqui há muitos anos. Tenho confiança em Deus e no rio... Não sairei.

— Venho fazer-lhe um favor...

— Agradeço, mas não sairei.

Tomado de criminoso impulso, o barqueiro empurrou a porta mal fechada e avançou sobre o velho, que procurou em vão reagir.

— Não me mate, assassino!

A voz rouquenha, contudo, silenciou nos dedos robustos do jovem.

Quirino largou para um lado o corpo amole cido, como traste inútil, arrebatou pequeno molhe de chaves do grande cinto e, em seguida, varejou todos os escaninhos...

Gavetas abertas mostravam cédulas mofadas, moedas antigas e diamantes, sobretudo diamantes.

Enceguecido de ambição, o moço recolhe quan to acha.

A noite chuvosa descera completa...

Quirino toma os despojos da vítima num co bertor e, em minutos breves, o cadáver mergulha no rio.

Logo após, volta a casa despovoada, recompõe o ambiente e afasta-se, enfim, carregando a for tuna.

Passado algum tempo, o homicida não vê que uma sombra se lhe esgueira à

retaguarda.

É o espírito de Licurgo, que acompanha o tesouro.

Pressionado pelo remorso, o barqueiro aban dona a região e instala-se em grande cidade, com pequena casa comercial, e casa-se, procurando es quecer o próprio arrependimento, mas recebe o ve lho Licurgo, reencarnado, por seu primeiro filho...

IRMÃO X

16

Oração da criança

Amigo.

Ajuda-me agora para que eu te auxilie depois.

Não me relegues ao esquecimento, nem me condenes à ignorância e à crueldade.

Venho ao encontro de tua aspiração, de teu convívio, de tua obra.

Em tua companhia estou na condição da argila nas mãos do oleiro.

Hoje, sou sementeira, fragilidade, promessa...

Amanhã, porém, serei tua própria realização.

Corrige-me, com amor, quando a sombra do erro envolver-me o caminho, para que a confiança não me abandone.

Protege-me contra o mal.

Ensina-me a descobrir o bem.

Não me afastes de Deus e ajuda-me a conservar o amor e o respeito que devo às pessoas, aos ani mais e às coisas que nos cercam.

Não me negues tua boa vontade, teu carinho e tua paciência.

Tenho tanta necessidade do teu coração quanto a plantinha tenra precisa da água para prosperar e viver.

Dá-me tua bondade e dar-te-ei cooperação.

De ti depende que eu seja pior ou melhor amanhã.

EMMANUEL

17

A lenda da criança

Dizem que o Supremo Senhor, após situar na Terra os primeiros homens, dividindo-os em raças diversas, esperou, anos e anos, pela adesão deles ao Bem Eterno. Criando a todos para a liberdade, aguar dou pacientemente que cada um construísse o seu próprio mundo de sabedoria e felicidade. À vista disso, com surpresa começou a ouvir do planeta terrestre, em vez de gratidão e louvor, unicamente desespero e lágrimas, blasfêmias e imprecações, até que, um dia, os mais instruídos, amparados no pres tígio de Embaixadores Angélicos, se elevaram até Deus, a fim de suplicarem providências especiais. E, prosternados diante do Todo-Poderoso, rogaram, cada qual por sua vez:

— Pai, tem misericórdia de nós!... Reparti mos a Terra, mas não nos entendemos... Todos re provamos o egoísmo; no entanto, a ambição nos en louquece e, um por um, aspiramos a possuir o maior quinhão!...

— Oh! Senhor!... Auxilia-nos!... Deste-nos a autonomia; contudo, de que modo manejá-la com segurança? Instituíste-nos códigos de amparo mú tuo; no entanto, ai de nós!... Caímos, a cada passo, pelos abusos de nossas prerrogativas!...

— Santo dos Santos, socorre-nos por pieda de!... Concedeste-nos a paz e hostilizamo-nos uns aos outros. Reuniste-nos debaixo do mesmo Sol!... Nós, porém, desastradamente, em nossos desvarios, na conquista de domínio, inventamos a guerra... Ferimo-nos e ensanguentamo-nos, à maneira de feras no campo, como se não tivéssemos, dada por ti, a luz da razão!...

— Pai amantíssimo, enriqueceste-nos com os preceitos da Justiça; todavia, na disputa de posições indébitas, estudamos os melhores meios de nos enganarmos reciprocamente, e, muitas vezes, con vertermos as nossas relações em armadilhas nas quais os mais astuciosos transfiguram os mais sim ples em vítimas de alucinadoras paixões... Ajuda -nos a libertar-nos do mal!...

— Ó Deus de infinita bondade, intervém a nosso favor! Inflamaste-nos os corações com a cha ma do gênio, mas habitualmente resvalamos para os despenhadeiros do vício... Em muitas ocasiões, valemo-nos do raciocínio e da emoção para sugerir a delinquência ou envenenar-nos no desperdício de forças, escorregando para as trevas da enfermidade e da morte!...

Conta-se que o Todo-Misericordioso contemplou os habitantes da Terra, com imensa tristeza, e ex clamou, amorosamente:

— Ah! meus filhos!... meus filhos!... Apesar de tudo, eu vos criei livres e livres sereis para sem pre, porque em nenhum lugar do Universo aprova rei princípios de escravidão!...

— Oh! Senhor — soluçaram os homens —, compadece-te então de nós e renova-nos o futuro!... Queremos acertar, queremos ser bons!...

O Todo-Sábio meditou, meditou...

Depois de alguns minutos, falou comovido:

— Não posso modificar as Leis Eternas. Dei -vos o orbe terrestre e sois independentes para es tabelecer nele a base de vossa ascensão aos planos superiores. Tereis, constantemente e seja onde for, o que quiserdes, em função de vosso próprio livre-arbítrio!... Conceder-vos-ei, porém, um tesouro de vida e renovação, no qual, se quiserdes, conseguireis engrandecer o progresso e abrilhantar o planeta... Nesse escrínio de inteligência e de amor, disporeis de todos os recursos para solidificar a fraternidade, dignificar a Ciência, edificar o bem comum e elevar o direito... De um modo ou de outro, todos tereis, doravante, esse tesouro vivo, ao vosso lado, em qual quer parte da Terra, a fim de que possais aperfei çoar o mundo e santificar o porvir!...

Dito isso, o Senhor supremo entrou nos taber náculos eternos e voltou de lá trazendo um ser pe quenino nos braços paternais...

Nesse augusto momento, os atormentados fi lhos da Terra receberam de Deus a primeira criança.

IRMÃO X

18

O berço

Ajudemos a criança! O berço é o ponto vivo em que a educação começa a brilhar.

BEZERRA DE MENEZES

*

O menino que agora enjeitamos à porta da tem pestade será mais tarde um cultivador da tempes tade no mundo.

CAIRBAR SCHUTEL

*

Todo berço que sofre é uma porta sombria.

Traze ao anjo que chora a bênção de alegria

Da bondade cristã.

E estarás cooperando, nobremente,

Na formação do mundo diferente

Para a Luz de Amanhã.

CÁRMEN CINIRA

*

O berço infeliz é um poema do Céu, dilacerado na Terra.

RODRIGUES DE ABREU

*

A criança é uma lúcida promessa,
Convidando-te ao templo do amor puro.
Em todo berço a vida recomeça,
Procurando a vitória do futuro.

CRUZ E SOUZA

19

Aborto delituoso

Comovemo-nos, habitualmente, diante das gran des tragédias que agitam a opinião.

Homicídios que convulsionam a imprensa e mobilizam largas equipes policiais...

Furtos espetaculares que inspiram vastas medidas de vigilância...

Assassínios, conflitos, ludíbrios e assaltos de todos jaezes criam a guerra de nervos, em toda a par te; e, para coibir semelhantes fecundações de igno rância e delinquência, erguem-se cárceres e fundem -se algemas, organiza-se o trabalho forçado e em algumas nações a própria lapidação de infelizes é praticada na rua, sem qualquer laivo de compaixão.

Todavia, um crime existe mais doloroso, pela volúpia de crueldade com que é praticado, no silên cio do santuário doméstico ou no regaço da Natu reza...

Crime estarrecedor, porque a vítima não tem voz para suplicar piedade e nem braços robustos com que se confie aos movimentos da reação.

Referimo-nos ao aborto delituoso, em que pais inconscientes determinam a morte dos próprios fi lhos, asfixiando-lhes a existência antes que possam sorrir para a bênção da luz.

.....

Homens da Terra, e sobretudo vós, corações ma ternos chamados à

exaltação do amor e da vida, abstende-vos de semelhante ação que vos desequili bra a alma e entenebrece o caminho!

Fugi do satânico propósito de sufocar os re bentos do próprio seio, porque os anjos tenros que rechaçais são mensageiros da Providência, asso mastes no lar em vosso próprio socorro, e, se não há legislação humana que vos assinale a torpitude do infanticídio, nos recintos familiares ou na som bra da noite, os olhos divinos de nosso Pai vos contemplam do Céu, chamando-vos, em silêncio, às provas do reajuste, a fim de que se vos expurgue da consciência a falta indesculpável que perpe trastes.

EMMANUEL

20

Filho que não nasceu

Fui trazido ao teu colo e sussurro, baixinho:
— Mãe, eu serei na carne o sonho de teu sonho!...
Depois, em prece ardente, em ti meus olhos ponho,
Pássaro fatigado ante a úsnea do ninho.
Abraço-te. És comigo a esperança e o caminho...
Em seguida — oh! irrisão —, eis que, num caos medonho,
Expulsas-me a veneno, e, bruto, me empeçonho,
Serpe oculta a ferir-te em silêncio escarninho.
Já me dispunha a dar o golpe extremo, quando
Surge alguém que me obriga a deixar-te dançando
Em formoso salão onde o prazer fulgura.
Passa o tempo. Hoje volto... É o amor que em mim arde.
Mas encontro-te, oh! mãe, a gemer, triste e tarde,
Sombra que foi mulher, enjaulada à loucura...

José Guedes

21

Ante o divórcio

Toda perturbação no lar, frustrando-lhe a via gem no tempo, tem causa específica. Qual acontece ao comboio, quando estaca indebitamente ou des carrila, é imperioso angariar a proteção devida para que o carro doméstico prossiga adiante.

No transporte caseiro, aparentemente ancora do na estação do cotidiano (e dizemos aparente mente, porque a máquina familiar está em movi mento e transformação incessantes), quase todos os acidentes se verificam pela evidência de falhas diminutas que, em se repetindo indefinidamente, estabelecem, por fim, o desastre espetacular.

Essas falhas, no entanto, nascem do comporta mento dos mais interessados na sustentação do veí culo ou, mais propriamente, do marido e da mulher, chamados pela ação da vida a regenerar o passado ou a construir o futuro pelas possibilidades da re encarnação no presente, faltas essas que se mani festam de pequeno desequilíbrio a pequeno desequi líbrio, até que se desencadeie o desequilíbrio maior.

Nesse sentido, vemos cônjuges que transfigu ram conforto em pletora de luxo e dinheiro, desfa zendo o matrimônio em facilidades loucas, como se afoga uma planta por excesso de adubo, e obser vamos aqueles outros que o sufocam por abuso de sovinice; notamos os que arrasam a união conjugal em festas sociais permanentes e assinalamos os que a destroem por demasia de solidão; encontramos os campeões da teimosia que acabam com a paz em família,

manejando atitudes do contra sistemático, diante de tudo e de todos, e identificamos os que a exterminam pelo silêncio culposo à frente do mal; surpreendemos os fanáticos da limpeza, principal mente muitas de nossas irmãs, as mulheres, quando se fazem mártires de vassoura e enceradeira, dis postas a arruinar o acordo geral em razão de leve cisco nos móveis, e somos defrontados pelos que primam no vício de enlamear a casa, desprezando a higiene.

Equilíbrio e respeito mútuo são as bases do trabalho de quantos se propõem garantir a felici dade conjugal, de vez que, repitamos, o lar é seme lhante ao comboio em que filhos, parentes, tutores e afeiçoados são passageiros.

Alguém perguntará como situaremos o divór cio nestas comparações. Divorciar, a nosso ver, é deixar a locomotiva e seus anexos. Quem responde pela iniciativa da separação decerto que larga todo esse instrumental de serviço à própria sorte e cada consciência é responsável por si. Não ignoramos que o trem caseiro corre nos trilhos da existência terrestre, com autorização e administração das leis orgânicas da Providência Divina e, sendo assim, o divórcio, expressando desistência ou abandono de compromisso, é decisão lastimável, conquanto às vezes necessária, com raízes na responsabilidade do esposo ou da esposa que, a rigor, no caso, exercem as funções de chefe e maquinista.

EMMANUEL

22

Oração à mulher

Missionária da Vida:

Ampara o homem para que o homem te am pare.

Não te conspurques no prazer, nem te mergulhes no vício.

A felicidade na Terra depende de ti, como o fruto depende da árvore.

Mãe, sê o anjo do lar.

Esposa, auxilia sempre.

Companheira, acende o lume da esperança.

Irmã, sacrifica-te e ajuda.

Mestra, orienta o caminho.

Enfermeira, compadece-te.

Fonte sublime, se as feras do mal te poluíram as águas, imita a corrente cristalina que, no serviço infatigável a todos, expulsa do próprio seio a lama que lhe atiram.

Por mais te aflija a dificuldade, não te confies à tristeza ou ao desânimo.

Lembra os órfãos, os doentes, os velhos e os desvalidos da estrada que esperam por teus braços e sorri com serenidade para a luta.

Deixa que o trabalho tanja as cordas celestes do teu sentimento, para que

não falte a música da harmonia aos pedregosos trilhos da existência ter restre.

Teu coração é uma estrela encarcerada.

Não lhe apagues a luz, para que o amor res plandeça sobre as trevas.

Eleva-te, elevando-nos.

Não te esqueças de que trazes nas mãos a chave da vida, e a chave da vida é a glória de Deus.

MEIMEI

23

No templo do lar

Indiscutivelmente, o avanço científico do mun do estabelece múltiplos sistemas de cura na atuali dade terrestre.

Vitaminas e hormônios, eletricidade e magne tismo, fluidos e melodias são recursos empregados no fortalecimento da saúde humana.

Acreditamos, no entanto, que o culto doméstico do Evangelho é a fonte real da medicina preventiva, sustentando as bases do equilíbrio fisiopsíquico.

O centro da vida reside na mente, e a mente se nutre de emoções e de ideias. E quem se coloca sob a orientação do Cristo, aceitando-lhe o governo es piritual no campo íntimo, harmoniza-se com a Boa Lei, purificando propósitos, elevando atitudes e su blimando resoluções que edificam a consciência e o coração para a vida superior.

Os princípios evangélicos são elementos de vida e, convenientemente aplicados no recesso do lar, sa nam as chagas da maledicência, previnem a cólera destrutiva, curam os efeitos desastrosos da impru dência, afastam os perigos da antipatia gratuita, balsamizam as úlceras da desilusão e favorecem o clima da fraternidade e da confiança, suscetível de criar a felicidade verdadeira para quantos se empe nham na evolução, no reajuste, na melhoria e na elevação.

Pensar bem é edificar o que é bom. E somente Jesus é o Mestre do pensamento reto e purificado, a expressar-se em favor do erguimento comum, no repouso e no trabalho, no silêncio e no ruído, na dor e na alegria, que constituem importantes posi ções de nossa viagem para os cimos da vida.

Cultivar o Evangelho no santuário familiar é nortear a nossa experiência para o Reinado de Deus, em nós e fora de nós.

Criar semelhante serviço, pois, no domicílio de nossas almas, é simples dever, porquanto, pela pala vra que ensina e ajuda, aprenderemos a abrir as portas do coração para que, na intimidade de nós mesmos, possamos sentir a divina presença de Jesus, nosso Mestre e Senhor.

PIO VENTANIA

24

Renúncia

Se teus pais não procuram a intimidade do Cristo, renuncia à felicidade de vê-los comungar contigo o divino banquete da Boa-Nova, e ajuda teus pais.

Se teus filhos permanecem distantes do Evan gelho, renuncia ao contentamento de sentir-lhes o coração com o teu coração na senda redentora, e ajuda teus filhos.

Se teus amigos não conseguem, ainda, perceber o amor de Jesus, renuncia à ventura de guardá-los no calor de tua alma, ante o Sol da Verdade, e aju da teus amigos.

Renúncia com Jesus não quer dizer deserção.Expressa devotamento maior.

Nele mesmo, o Senhor, vamos encontrar o sublime exemplo.

Esquecido de muitos e por muitos relegado às agonias da negação, nem por isso se afastou dos companheiros que lhe deram as angústias do amor não amado.

Ressurgindo da cruz, ele, que atravessara so zinho os pesadelos da ingratidão e as torturas da morte, volta ao convívio deles e lhes diz confiante:

— Eis que estarei convosco, até ao fim dos séculos.

EMMANUEL

25

Carta paterna

Meu filho, não tinhas razão em favor da cólera.

Vi, perfeitamente, quando o velhinho se aproximou para servir-te.

Trazia um coração amoroso e atento que não soubeste compreender.

Deste uma ordem que o pobrezinho não ouviu tão bem quanto desejavas. Repetiste-a e, porque novamente te perguntasse qualquer coisa, profe riste palavras feias, que lhe feriram as fibras mais íntimas.

Como foste injusto!...

Quando nasceste, o antigo servidor já vencera muitos invernos e servira a muita gente.

Enfraqueceram-se-lhe os ouvidos, ante as im periosas determinações alheias.

Nunca refletiste na neblina que lhe enevoa o olhar? Adquiriu-a trabalhando à noite, enquanto dormias, despreocupado.

Sabes por que traz ele as pernas trêmulas? Devorou muitas léguas a pé, solucionando proble mas dos outros.

Irritas-te quando se demora a movimentar-se a teu mando. Contudo, exiges o automóvel para a viagem de dois quilômetros.

Em muitas ocasiões, queixas-te contra ele. É relaxado aos teus olhos, tem as mãos descuidadas e a roupa não muito limpa. Entretanto, nunca ima ginaste que

o apagado servidor jamais encontrou oportunidades iguais às que recebeste. Além disto, não lhe ofereces o ensinamento amigo e nem tempo para cogitar das próprias necessidades espirituais.

Reclamas longos dias para examinar pequenina questão referente ao teu bem-estar; todavia, não lhe consagras nem mesmo uma hora por semana, ajudando-o a refletir...

Respondes, enfadado, quando o velho com-panhei ro te pede alguns níqueis, mas não vacilas em des pender pequenas fortunas com amigos ociosos, em noitadas alegres, nas quais te mergulhas em fanta sioso contentamento.

Interrogas, ingrato: ”Que fizeste do dinheiro que te dei?”.

Esqueces que o servidor de fronte enrugada não dispôs de tempo e recurso para calcular, com exatidão, os processos de ganhar além do necessário e não conseguiu ensejo de ilustrar o raciocínio com o refinamento que caracteriza o teu.

Ah! meu filho, quando a impaciência te visita o espírito, recorda que o monstro da ira indesejável te bate à porta do coração. E quando a ele te en tregas, imprevidente, tuas conquistas mais elevadas tremem nos alicerces. Chego a desconhecer-te, por que a fúria dos elementos interiores te alteram a individualidade aos meus olhos e eu não sei se passas à condição de criança ou de demônio!...

Se não podes conter, ainda, os movimentos im pulsivos de sentimentos perturbadores, chegado o instante do testemunho, cala-te e espera.

A cólera nada edifica e nada restaura... Ape nas semeia desconfiança e temor ao redor de teus passos.

Não ameaces com a voz, nem te insurjas contra ninguém.

É provável que guardes alguma reclamação contra mim, teu pai, porque eu também sou ainda humano. No entanto, filho, acima de nós ambos permanece o Pai supremo, e que seria de ti e de mim se Deus, um dia, se encolerizasse contra nós?

NEIO LÚCIO

26

Lei de amor

— Rua!... Rua, infeliz que me ensombraste o nome!...
Clama o pai, a rugir para a filha que implora:
— Não me expulses, meu pai!... Temo a noite lá fora!...
E ele mostra o punhal na fúria que o consome.
Voa o tempo a rolar, sem que a vida o retome...
Ele, desencarnado, ansioso e triste agora,
Traz à filha exilada o coração que chora,
Espírito a sofrer, em sede, chaga e fome.
Ela sente-lhe a dor, através da lembrança,
E dá-lhe um corpo novo, ante a luz que o descansa
Nos fios da oração, em celeste rastilho!...
E, mais tarde, no lar que os apascenta e acalma,
Ele diz: “Minha mãe, doce mãe de minha alma!...”.
E ela diz a cantar: “Deus te abençoe, meu filho...”.

NARCISA AMÁLIA

27

O grito de cólera

Lembra-se do instante em que gritou forte mente antes do almoço?

Por insignificante questão de vestuário, você pronunciou palavras feias em voz alta, desrespei tando a paz doméstica.

Ah! meu filho, quantos males foram atraídos por seu gesto de cólera!...

A mamãe, muito aflita, correu para o interior, arrastando atenções de toda a casa. Voltou-lhe a dor de cabeça e o coração tornou a descompassar-se.

As duas irmãs, que cuidavam da refeição, diri giram-se precipitadamente para o quarto, a fim de socorrê-la, e duas terças partes do almoço ficaram inutilizadas.

Em razão das circunstâncias provocadas por sua irreflexão, o papai, muito contrariado, foi com pelido a esperar mais tempo em casa, chegando ao serviço com grande atraso.

Seu chefe não estava disposto a tolerar-lhe a falta e recebeu-o com repreensão áspera.

Quem o visse, ereto e digno, a sofrer essa pena, em virtude da sua leviandade, sentiria com paixão, porque você não passa de um jovem neces sitado de disciplina, e ele é um homem de bem, ido so e correto, que já venceu muitas tempestades para amparar a família e defendê-la. Humilhado, supor tou as consequências de seu gesto impulsivo, por vários dias, observado na oficina qual se fora um menino vadio e imprudente.

Os resultados de sua gritaria foram, porém, mais vastos.

A mãezinha piorou e o médico foi chamado.

Medicamentos de alto preço, trazidos à pressa, impuseram vertiginosa subida às despesas, e o pa pai não conseguiu pagar todas as contas de arma zém, farmácia e aluguel de casa.

Durante seis meses, toda a sua família lutou e solidarizou-se para recompor a harmonia que brada, desastradamente, por sua ira infantil.

Cento e oitenta dias de preocupações e traba lhos árduos, sacrifícios e lágrimas! Tudo porque você, incapaz de compreender a cooperação alheia, se pôs a berrar, inconscientemente, recusando a rou pa que lhe não agradava.

Pense na lição, meu filho, e não repita a expe riência.

Todos estamos unidos, reciprocamente, através de laços que procedem dos desígnios divinos. Nin guém se reúne ao acaso. Forças superiores impe lem-nos uns para os outros, de modo a aprendermos a ciência da felicidade, no amor e no respeito mú tuos.

O golpe do machado derruba a árvore de vez.

A ventania destrói um ninho de momento para outro.

A ação impensada de um homem, todavia, é muito pior.

O grito de cólera é um raio mortífero, que pe netra o círculo de pessoas em que foi pronunciado e aí se demora, indefinidamente, provocando molés tias, dificuldades e desgostos.

Por que não aprende a falar e a calar, em bene fício de todos?

Ajude em vez de reclamar.

A cólera é força infernal que nos distancia da paz divina.

A própria guerra, que extermina milhões de criaturas, não é senão a ira venenosa de alguns ho mens que se alastra, por muito tempo, ameaçando o mundo inteiro.

NEIO LÚCIO

28

Professores diferentes

Entre familiares e amigos, encontras, na Ter ra, a oficina do teu burilamento.

Com raras exceções, todos apresentam proble mas a resolver.

Problemas na emoção e no pensamento.

Problemas na palavra e na ação.

Problemas no lar e no trabalho.

Problemas no caminho e nas relações.

Prossegues, assim, junto deles, como quem respira ao pé de múltiplos instrutores num instituto de ensino.

Muitos reclamam trabalho, lecionando paciên cia, enquanto outros te ferem a sensibilidade, diplo mando-te em sacrifício. Há os que te escandalizam incessantemente, adestrando-te em piedade, e aque les que te golpeiam a alma, com as lâminas invisíveis da ingratidão, para que aprendas a perdoar.

E as lições vão surgindo, à maneira de testes inevitáveis.

Agora, é o esposo que deserta, dobrando-te a carga de obrigações, ou, noutras circunstâncias, é a esposa que se rebela aos compromissos, agonian do-te as horas... Hoje, ainda, são os pais que te contrariam as esperanças, os filhos que te aniquilam os sonhos ou os amigos que se transformam em duros entraves no serviço a fazer.

Nenhum problema, entretanto, aparece ao aca so, e, por isso, é imperioso te armes de amor para a luta íntima.

Fugir da dificuldade é, muitas vezes, a ideia que te nasce como o melhor remédio. Seme lhante atitude, porém, seria o mesmo que debandar, menosprezando as exigências da educação.

Carrega, pois, com serenidade e valor o fardo de aflições que o pretérito te situa nos ombros, con victo de que os associados complexos do destino são antigos parceiros de tuas experiências, a reponta rem do caminho, solicitando contas e acertos.

Seja qual for o ensinamento de que se façam intérpretes, roga à Sabedoria Divina te inspire a conduta, a fim de que não percas o merecimento da escola a que a vida te conduziu.

Ainda mesmo em lágrimas lê, sem revolta, no livro do coração, as páginas de dor que te impo nham, ofertando-lhes por resposta as equações do amor puro, em forma de tolerância e bondade, au xílio e compreensão.

Recorda que o próprio Cristo, sem débito al gum, transitou, cada dia, na Terra, entre esses pro fessores diferentes do espírito. E, solucionando, na base da humildade, os problemas que recebia na atitude e no comportamento de cada um, submeteu -se, a sós, à prova final da suprema renúncia, à qual igualmente te submeterás, um dia, na conquista da própria sublimação — o único meio de te elevares ao clima glorioso dos companheiros já redimidos que te aguardam, vitoriosos, nas eminências da Es piritualidade.

EMMANUEL

29

Companheiros mudos

Com excelentes razões, mobilizas os talentos da palavra, a cada instante, permutando impressões com os outros.

Selecionas os melhores conceitos para os ouvidos de assembleias atentas.

Aconselhas o bem, plasmando terminologia ade quada para a exaltação da virtude.

Estudas Filologia e Gramática no culto à lin guagem nobre.

Encontras a frase exata, no momento certo, em que externas determinado ponto de vista.

Sabes manejar o apontamento edificante em família.

Lecionas disciplinas diversas.

Debates problemas sociais.

Analisas os sucessos diários.

Questionas serviços públicos.

Indiscutivelmente, o verbo é luz da vida, de que o próprio Jesus se valeu para legar-nos o Evangelho renovador.

Entretanto, nesta nota simples, vimos rogar-te apoio e consolação para aqueles companheiros a quem a nossa destreza vocabular não consegue ser vir em sentido direto.

Comparecem, às centenas, aqui e ali...

Jazem famintos e não comentam a carência de pão.

Amargam dolorosa nudez e não reclamam con tra o frio.

Experimentam agoniadas depressões morais, sem pedirem qualquer reconforto à ideia religiosa.

Sofrem prolongados suplícios orgânicos, inca pazes de recorrer voluntariamente ao amparo da Medicina.

Pensa neles e, de coração enternecido, quanto puderes, oferece-lhes algo de teu amor, por meio da peça de roupa ou da xícara de leite, da poção medi camentosa ou do minuto de atenção e carinho, por que esses companheiros mudos e expectantes que nos rodeiam são as criancinhas necessitadas e pa decentes que não podem falar.

EMMANUEL

30

Carta aos pais

Não podes viver a esmo,
Numa estrada indefinida.
Um pai tem obrigações
Das mais nobres que há na vida.
Meu irmão, em tua casa,
Nas ternuras dos filhinhos,
Personifica o bom senso,
Entre os beijos e os carinhos.
Por enquanto, a Terra inteira
Inda é um mar encapelado
Se não dominas a onda
Virás a ser dominado.
Entende a luz do caminho.
A tua finalidade
Não é somente a da espécie

Nas lutas da Humanidade.
Exige-se muito mais
Dos teus esforços no mundo;
Recebeste de Jesus
Um dom sagrado e profundo.
Se a missão das mães terrestres
É conduzir e ensinar,
O teu trabalho é de agir
No esforço de transformar.
Não olvides teus deveres
Na esfera da educação,
Fazendo de tua casa
A escola de redenção.
Um pai que deixa os filhinhos
Abandonados ao léu,
Não corresponde no mundo
À confiança do Céu.
Cuida bem dos pequeninos.
A educação tem segredos
Que devem ser estudados
Desde os tempos dos brinquedos.
A tua função no lar

Não é somente prover,
Mas adotar providências,
Procurando esclarecer.
Ensina os teus a gastar.
Quem vive muito à vontade
Pode encontrar a miséria
No fim da ociosidade.
Gastar somente o que é justo
É ser prudente e cristão.
Quem gasta o que não é seu
Faz dívidas de aflição.
Luta sempre, mas se os teus
Não te seguirem os trilhos,
Esperemos nesse Pai
De que todos somos filhos.
Na pobreza ou na fortuna,
Esforça-te, meu amigo.
Exemplifica o trabalho
E Deus estará contigo.

CASIMIRO CUNHA

31

Um desastre

I

Duarte Nunes enriquecera. Duas grandes far mácias, muito bem dirigidas, eram para ele duas galinhas de ovos de ouro. Dono do próprio tempo, não sabia usá-lo da maneira mais nobre e, por isso, estimava nas grandes emoções suas grandes fugas.

Corridas de cavalos, corridas de automóveis, concursos de lanchas...

Entusiasta de todos os esportes. Gastador re nitente.

Apesar disso, era bom esposo e bom pai. De vez em vez, levava os filhinhos, Marilene e Murilo, às brigas de galos. O belo casal de garotos, porém, não gostava. Marilene voltava o rosto para não ver, e Murilo, forte petiz de quatro anos, chorava desapontado.

— Poltrão! — dizia o pai, com adocicada iro nia. E colocava os dois no carro para longo pas seio. A esposa, muitas vezes presente, rogava afli ta:

— Nunes, mais devagar.

Ele, porém, sorria, sar cástico, e dava largas ao freio. Sessenta, oitenta quilômetros...

Noutras circunstâncias, era Elmo Bruno, o amigo inseparável, que advertia, quando o carro de luxo parecia comer o chão:

— Não corra assim tanto... Olhe os pedestres!

— Que tenho eu lá com isso?

E Bruno explicava:

— Há pessoas distraídas e crianças inconscientes. Nem sempre conseguem, de pronto, ver os sinais...

Duarte encerrava o capítulo, acrescentando:

— Rodas foram feitas para rodar. E depressa.

De outras vezes, era o próprio pai dele a acon selhá-lo, enquanto o veículo parecia voar:

— Meu filho, é preciso prudência... O volante pede calma... Penso que, além dos quarenta quilô metros, tudo é caminho para desastre...

— Frioleiras, papai — respondia Nunes, bem-humorado, agravando o problema.

Sempre que exortado, corria mais.

II

— Meninos de apartamento, aves engaioladas! — dizia a mamãe Duarte Nunes, abraçando os netos.

— Então — disse o pai, sorrindo —, preferem a vovó?

— Sim, sim...

Decorridos minutos, saem todos na manhã domingueira.

Dona Branca desce com a nora, amparando as crianças, ao pé da própria casa a pleno sol de Ipanema e declara:

— Nossos pássaros prisioneiros querem hoje a largueza da praia. Vamos respirar... — Riram-se todos.

E o auto, conduzindo Nunes e Elmo, saiu em disparada.

Mais tarde, Petrópolis.

Amigos improvisavam corridas de bicicletas. Bandeirinhas. Anotações. Relógios em massa. Ho mens magros, pedalando, ansiosos e, por fim, o ága pe

em hotel serrano, sob árvores farfalhudas.

Ao virar da tarde, o regresso.

Todo o Rio ainda vibra de sol.

— Por que não buscar, primeiro, a cerveja pura e gelada, em Copacabana? — perguntou Nunes, contente.

O carro devora o asfalto.

— Devagar, devagar... — pede o amigo.

Depois da cerveja, o retorno a casa. Nunes inicia a marcha, como quem decola.

— Devagar, devagar — roga o companheiro.

Ele ri. Desatende. A poucos minutos, ambos veem um pequeno em maiô. Está só. Agita-se. E corre de través procurando o outro lado. Nunes tenta frear, mas é tarde. Atropela o garoto que tomba qual pluma ao vento.

Populares gritando. O menino estendido na rua é um pássaro que agoniza.

Sangue. Muito sangue. Nunes aflige-se. Elmo volta e vê. Ergue a criança, espantado, e caminha no rumo dele.

— Seja quem for — grita Nunes —, leve à nossa farmácia... Toda a despesa gratuita...

Todavia, o amigo, boquiaberto, apresenta-lhe o menino morto e exclama:

— Nunes, este menino é...

— É quem? Diga logo — falou Nunes, impa ciente.

Mas não precisou de maiores minúcias, porque Bruno, traumatizado, disse-lhe apenas:

— É seu filho...

32

Solução natural

Os Espíritos benfeitores já não sabiam como atender à pobre senhora obsidiada.

Perseguidor e perseguida estavam mentalmente associados à maneira de polpa e casca no fruto.

Os amigos desencarnados tentaram afastar o obsessor, induzindo a jovem senhora a esquecê-lo, mas debalde.

Se tropeçava na rua, a moça pensava nele...

Se alfinetava um dedo em serviço, atribuía-lhe o golpe...

Se o marido estivesse irritado, dizia-se vítima do verdugo invisível...

Se a cabeça doía, acusava-o...

Se uma xícara se espatifasse no trabalho do méstico, imaginava-se atacada por ele...

Se aparecesse leve dificuldade econômica, trans formava a prece em crítica ao desencarnado in feliz...

Reconhecendo que a interessada não encontra va libertação, por teimosia, os instrutores espirituais ligaram os dois — a doente e o acompanhante invi sível — em laços fluídicos mais profundos, até que ele renasceu dela mesma, por filho necessitado de carinho e de compaixão.

Os benfeitores descansaram.

O obsessor descansou.

A obsidiada descansou.

O esposo dela descansou.

Transformar obsessores em filhos, com a bên ção da Providência Divina, para que haja paz nos corações e equilíbrio nos lares, muita vez é a única solução.

HILÁRIO SILVA

33

A infância

Quando o berço é relegado ao abandono, o lar desce ao nível do inferno.

ANDRÉ LUIZ

*

Na doce ternura em flor
De um pequenino a sorrir,
A vida te pede amor
Na construção do porvir.

JOÃO DE DEUS

*

Auxilia a infância torturada. A miséria e o sofrimento começam no berço desprotegido.

BATUÍRA

*

Ajuda a criança pobre,

Por amor ao teu filhinho.

O berço desamparado

É treva para o caminho.

CASIMIRO CUNHA

*

Não menosprezes a tua oportunidade de esten der mãos amigas aos filhinhos do infortúnio. Re corda que Jesus, o Enviado divino, foi saudado por uma estrela nas palhas da manjedoura.

EMMANUEL

34

Resposta do Além

Minha irmã: Valho-me do “correio do outro mundo” para responder à sua carta, cheia da sen sibilidade do seu coração de mulher.

Pede-me a senhora o concurso de Espírito de sencarnado para a solução de problemas domésticos no setor de educação aos filhinhos que Deus lhe confiou. Conforta-me, sobremaneira, a sua gene rosidade; entretanto, minha amiga, a opinião dos mortos, esclarecidos na realidade que lhes constitui o novo ambiente, será sempre muito diversa do conceito geral.

A verdade que o túmulo nos fornece renova quase todos os preceitos que nos pautavam as ati tudes.

Aí no mundo, entravados no velho manto das fantasias, raros pais conseguem fugir à cegueira do sangue. De orientadores positivos, que devería mos ser, passamos à condição de servidores menos dignos dos filhos que a Providência nos entrega, por algum tempo, ao carinho e ao cuidado.

Na Europa, trabalhada pelo sofrimento, exis tem coletividades que já se acautelam contra os perigos da inconsciência na educação infantil entre mimos e caprichos satisfeitos. Conhecemos, por exemplo, um rifão inglês que recomenda: “poupa a vara e estraga a criança”. Mas, na América, ge ralmente, poupamos os defeitos da criança para que o jovem nos deite a vara logo que possa vestir -se sem nós. Naturalmente que os britânicos não são pais desnaturados, nem monstros que atormen tam os meninos na calada da noite, mas compreen deram, antes de nós, que o amor, para educar, não prescinde da energia, e que a ternura,

por mais valiosa, não pode dispensar o esclarecimento.

Dentro do Novo Mundo, e principalmente em nosso país, as crianças são pequeninos e detestá veis senhores do lar que, aos poucos, se transfor mam em perigosos verdugos. Enchemo-las de brin quedos inúteis e de carinhos prejudiciais, sem a vi gilância necessária, diante do futuro incerto. Lem bro-me, admirado, do tempo em que se considerava herói o genitor que roubasse um guizo para satis fazer a impertinência de algum pequerrucho tra quinas e, muitas vezes, recordo, envergonhado, a veneração sincera com que via certas mães insen satas a se debulharem em pranto pela impossibili dade de adquirir uma grande boneca para a filhi nha exigente. A morte, todavia, ensinou-me que tudo isso não passa de loucura do coração.

É necessário despertar a alegria e acender a luz da felicidade em torno das almas que recome çam a luta humana em corpos tenros e, muita vez, enfermiços. Fora tirania doméstica subtraí-las ao sol, ao jardim, à Natureza. Seria crime cerrar-lhes o sorriso gracioso com os ralhos inoportunos, quan do os seus olhos ingênuos e confiantes nos pedem compreensão. Entretanto, minha amiga, não cogi tamos de proporcionar-lhes a alegria construtiva, nem nos preocupamos com a sua felicidade real. Viciamo-las simplesmente.

Começamos a tarefa ingrata, habituando-lhes a boca às piores palavras da gíria e incentivando -lhes as mãos pequenas à agressividade risonha. Horrorizamo-nos quando alguém nos fala em corri genda e trabalho. A palmatória e a oficina desti nam-se aos filhos alheios. Convertemos o lar, san tuário edificante que a Majestade Divina nos confia na Terra, em fortaleza odiosa, dentro da qual en sinamos o menosprezo aos vizinhos e a guerra siste mática aos semelhantes. Satisfazendo-lhes os ca prichos, dispomo-nos a esmagar afeições sublimes, ferindo nossos melhores amigos e descendo aos fun dos abismos do ridículo e da estupidez. Fiéis às suas descabidas exigências, falhamos em setenta por cento de nossas oportunidades de realização es piritual na existência terrestre. Envelhecemo-nos prematuramente, contraímos dolorosas enfermida des da alma e, quase sempre, só reconhecem algu ma coisa de nossa renúncia vazia quando o matri mônio e a família direta os defrontam, no extenso caminho da vida, dilatando-lhes obrigações e traba lhos. Ainda aí, se a piedade não comparece no qua dro de suas concepções renovadas, convertem-nos em

avós escravos e submissos.

A morte, porém, colhe nossa alma em sua rede infalível para que nos aconselhemos, de novo, com a verdade. Cai-nos a venda dos olhos e observamos que os nossos supostos sacrifícios não representa vam senão amargoso engano da personalidade egoís tica. Nossas longas vigílias e atritos angustiosos eram, apenas, a defesa improfícua de mentiroso sistema de proteção familiar. E humilhados, ven cidos, tentamos debalde o exercício tardio da corre ção. Absolutamente desamparados de nossa lealda de e de nossa previdência, por se manterem viciados pela nossa indesejável ternura, os filhos do nosso amor rolam, vida afora, aprendendo na aspereza do caminho comum. É que, antes de serem os re bentos temporários de nosso sangue, eram compa nheiros espirituais no campo da vida infinita, e, se voltaram ao internato da reencarnação, é que necessitavam atender ao resgate, junto de nós ou tros, adquirindo mais luz no entendimento. Não devíamos cercá-los de mimos inúteis, mas de lições proveitosas, preparando-os, em face das exigências da evolução e do aprimoramento, para a vida eterna.

Desse modo, minha amiga, use os seus recursos educativos compatíveis com o temperamento de cada bebê, encaminhando-lhes o passo, desde cedo, na estrada do trabalho e do bem, da verdade e da compreensão, porque as escolas públicas ou parti culares instruem a inteligência, mas não se podem responsabilizar pela edificação do sentimento. Em cada cidade do mundo pode haver um Pestalozzi que coopere na formação do caráter infantil, mas ninguém pode substituir os pais na esfera educa tiva do coração.

Se a senhora, porém, não acreditar em minhas palavras, por serem filhas da realidade indisfarçá vel e dura, exercite exclusivamente o carinho e es pere pela lição do futuro, sem incomodar-se com os meus conselhos, porque eu também, se ainda esti vesse envolvido na carne terrestre e se um amigo do “outro mundo” me viesse trazer os avisos que lhe dou, provavelmente não os aceitaria.

IRMÃO X

35

Carta a meu filho

Meu filho, dito esta carta para que você saiba que estou vivo.

Quando você me estendeu a taça envenenada que me liquidou a existência, não pensávamos nisso.

Nem você, nem eu.

A ideia da morte vagueava longe de mim, por que esperava de suas mãos apenas o remédio anes tesiante para a minha enxaqueca.

Entendi tudo, porém, quando você, transtornado, cerrou subitamente a porta e exclamou com frieza:

— Morre, velho!

As convulsões, que me tomavam de improviso, traumatizavam-me a cabeça...

Era como se afiada navalha me cortasse as vísceras num braseiro de dor.

Pude ainda, no entanto, reunir minhas forças em suprema ansiedade e contemplar você diante de meus olhos.

Suas palavras ressoavam-me aos ouvidos: “morre, velho!”.

Era tudo o que você, alterado e irreconhecível, tinha agora a dizer.

Entretanto, o amor em minha alma era o mesmo.

Tornei à noite recuada quando o afaguei pela primeira vez.

Sua mãezinha dormia, extenuada...

Pequenino e tenro de encontro ao meu peito, senti em você meu próprio coração a vagir nos braços...

E as recordações desfilaram, sucessivas.

Você, qual passarinho contente a abrigar-se em meu colo, o álbum de fotografias em que sua ima gem apresentava desenvolvimento gradativo em to das as posições, as festas de aniversário e os bolos coloridos enfeitados de velas que seus lábios miúdos apagavam sempre numa explosão de alegria... Re memorei nossa velha casa, a princípio humilde e po bre, que o meu suor convertera em larga habitação, rica e farta... Agoniado, recordei incidentes, desde muito esquecidos, nos quais me observava expul sando crianças ternas e maltrapilhas do grande jardim de inverno para que nosso lar fosse apenas seu... Reencontrei-me, trabalhando, qual suarento animal, para que as facilidades do mundo nos aten dessem as ilusões e os caprichos...

Em todos os quadros a se me reavivarem na lembrança, era você o grande soberano de nosso pequeno mundo...

O passado continuou a desdobrar-se dentro de mim. Revisei nossa luta para que os livros lhe mo dificassem a mente, o baldado esforço para que a mocidade se lhe erigisse em alicerce nobre ao fu turo... De volta às antigas preocupações que me assaltavam, anotei-lhe, de novo, as extravagâncias contínuas, os aperitivos, os bailes, os prazeres, as companhias desaconselháveis, a rebeldia constante e o carro de luxo com que o presenteei num mo mento infeliz...

Filho de meu coração, tudo isso revi...

Dera-lhe todo o dinheiro que conseguira ajun tar, mas você desejava o resto.

Nas vascas da morte, vi-o, ainda, mãos ansio sas, arrebatando-me o chaveiro para surripiar as últimas joias de sua mãe... Vi perfeitamente quan do você empalmou o dinheiro, que se mantinha fora de nossa conta bancária, e, porque não podia odiá-lo, orei talvez com fervor e sinceridade pela primeira vez — rogando a Deus nos abençoasse e compreen dendo, tardiamente, que a verdadeira felicidade de nossos filhos reside, antes de tudo, no trabalho e na educação com que lhes venhamos a honrar a vida.

Não dito esta carta para acusá-lo.

Nem de leve me passou pelo pensamento o pro pósito de anunciar-lhe o nome.

Você continua sangue de meu sangue, coração de meu coração.

Muitas vezes, ouvi dizer que há filhos crimi nosos, mas entendo hoje que, na maioria das cir cunstâncias, há, junto deles, pais delinquentes por acreditarem muito mais na força do cofre que na riqueza do espírito, afogando-os, desde cedo, na sombra da preguiça e no vício da ingratidão.

Não venho falar, assim, unicamente a você, porque seu erro é o meu erro igualmente. Falo também a outros pais, companheiros meus de espe rança, para que se precatem contra o demônio do ouro desnecessário, porque todo ouro desnecessário, quando não busca o conselho da caridade, é tenta ção à loucura.

Há quem diga que somente as mães sabem amar e, realmente, o regaço materno é uma bênção do paraíso. Entretanto, meu filho, os pais tam bém amam e, por amar imensamente a você, dirijo -lhe a presente mensagem, afirmando-lhe estar em prece para que a nossa falta encontre socorro e tolerância nos tribunais da Divina Justiça, aos quais rogo me concedam, algum dia, a felicidade de tê-lo novamente ao meu lado, por retrato vivo de meu carinho... Então nós dois juntos, de passo acertado no trabalho e no bem, aprenderemos, en fim, como servir ao mundo, servindo a Deus.

J.

36

Pequeninos

No mundo, resguardamos zelosamente livros e pergaminhos, empilhando compêndios e documen tações, em largas bibliotecas, que são cofres fortes do pensamento.

Preservamos tesouros artísticos de outras eras em museus que se fazem riquezas de avaliação inapreciável.

Perfeitamente compreensível que assim seja.

A educação não prescinde da consulta ao pas sado.

*

Acautelamos a existência de rebanhos e plan tações contra flagelos supervenientes, despendendo milhões para sustar ou diminuir a força destrutiva das inundações e das secas.

Mobilizamos verbas astronômicas no erguimento de recursos patrimoniais devidos ao conforto da coletividade, tanto no sustento e defesa das ins tituições, quanto no equilíbrio e aprimoramento das relações humanas.

Claramente normal que isso aconteça.

É indispensável prover as exigências do pre sente com todos os elementos necessários à respei tabilidade da vida.

*

Urge, entretanto, assegurar o porvir, a esbo çar-se impreciso, no mundo ingênuo da infância.

Abandonar pequeninos ao léu, na civilização magnificente da atualidade, é o mesmo que levan tar soberbo palácio, farto de viandas, abarrotado de excessos e faiscante de luzes, relegando o futuro dono ao relaxamento e ao desespero, fora das portas.

A criança de agora erigir-se-nos-á fatalmente em biografia e retrato depois. Além de tudo, é preciso observar que, segundo os princípios da reen carnação, os meninos de hoje desempenharão, ama nhã, junto de nós, a função de pais e conselheiros, orientadores e chefes.

Não nos cansemos, pois, de repetir que todos os bens e todos os males que depositarmos no espírito da criança ser-nos-ão devolvidos.

EMMANUEL

37

Versos a minha mãe

Pássaro preso no recinto escasso
Do velho canavial, beirando o rio,
Quis ver o mundo vasto e conheci-o,
Varando, em pleno voo, o azul do espaço...
Lembro-me agora... Enceguecido, abraço
A exaltação, a glória e o poderio...
Mas tudo, minha mãe, era vazio
Fora do amor que brilha em teu regaço.
Vi mil chagas de dor que a fama incensa
Nos nervos de ouro da cidade imensa,
E prazeres, em trágico desmando...
Mas no colo a que, em sonho, me recostas,
Tenho apenas teu vulto de mãos postas,
Que teu filho recorda, soluçando...

Da Costa e Silva

38

Confidência de mãe

Dei-te um berço de rendas e de flores,
Adorei-te por nume excelso e amigo
E inclinei-te, meu filho, a ser comigo
Soberano de sonhos tentadores.
Ordenava no orgulho que maldigo:
“— Não te curves nem sirvas, aonde fores...”.
Entreguei-te mentiras por louvores
E enganosa fortuna por abrigo.
Hoje, de alma surpresa, torno a casa!
Tremo ao ver-te no luxo que te arrasa,
Como quem dorme em trágico veneno!
E choro, filho meu, choro vencida,
Por guardar-te entre os grandes toda a vida,
Sem jamais ensinar-te a ser pequeno.

ANDRADINA DE OLIVEIRA

39

História de um pão

Quando Barsabás, o tirano, demandou o reino da morte, buscou debalde reintegrar-se no grande palácio que lhe servira de residência.

A viúva, alegando infinita mágoa, desfizera-se da moradia, vendendo-lhe os adornos.

Viu ele, então, baixelas e candelabros, telas e jarrões, tapetes e perfumes, joias e relíquias sob o martelo do leiloeiro, enquanto os filhos querela vam no tribunal, disputando a melhor parte da he rança.

Ninguém lhe lembrava o nome, desde que não fosse para reclamar o ouro e a prata que doara a mordomos distintos.

E porque na memória de semelhantes amigos ele não passava, agora, de sombra, tentou o inte resse afetivo de companheiros outros da infância...

Todavia, entre estes encontrou simplesmente a recordação dos próprios atos de malquerença e de usura.

Barsabás entregou-se às lágrimas de tal modo, que a sombra lhe embargou, por fim, a visão, arro jando-o nas trevas...

Vagueou por muito tempo no nevoeiro, entre vozes acusadoras, até que um dia aprendeu a pedir na oração, e, como se a rogativa lhe servisse de bússola, embora caminhasse às escuras, eis que, de súbito, se lhe extingue a cegueira e ele vê, diante de seus passos, um santuário sublime, faiscante de luzes.

Milhões de estrelas e pétalas fulgurantes po voavam-no em todas as direções.

Barsabás, sem perceber, alcançara a Casa das Preces de Louvor, nas faixas inferiores do firma mento.

Não obstante deslumbrado, chorou, impulsivo, ante o ministro espiritual que velava no pórtico.

Após ouvi-lo, generoso, o funcionário angélico falou sereno:

— Barsabás, cada fragmento luminoso que con templas é uma prece de gratidão que subiu da Terra...

— Ai de mim — soluçou o desventurado —, eu jamais fiz o bem...

— Em verdade — prosseguiu o informante —, trazes contigo, em grandes sinais, o pranto e o san gue dos doentes e das viúvas, dos velhinhos e órfãos indefesos que despojaste, nos teus dias de invigi lância e de crueldade; entretanto, tens aqui, em teu crédito, uma oração de louvor...

E apontou-lhe acanhada estrela, que brilhava à feição de pequenino disco solar.

— Há 32 anos — disse, ainda, o Ins trutor —, deste um pão a uma criança e essa crian ça te agradeceu, em prece ao Senhor da Vida.

Chorando de alegria e consultando velhas lembranças, Barsabás perguntou:

— Jonakim, o enjeitado?

— Sim, ele mesmo — confirmou o missionário divino. — Segue a claridade do pão que deste, um dia, por amor, e livrar-te-ás, em definitivo, do sofri mento nas trevas.

E Barsabás acompanhou o tênue raio do tênue fulgor que se desprendia daquela gota estelar, mas, em vez de elevar-se às Alturas, encontrou-se numa carpintaria humilde da própria Terra.

Um homem calejado aí refletia, manobrando a enxó em pesado lenho...

Era Jonakim, aos quarenta de idade.

Como se estivessem os dois identificados no doce fio de luz, Barsabás abraçou-se a ele, qual via jante abatido de volta ao calor do lar...

.....

Decorrido um ano, Jonakim, o carpinteiro, os tentava, sorridente, nos braços, mais um filhinho, cujos louros cabelos emolduravam belos olhos azuis.

Com a bênção de um pão dado a um menino triste, por espírito de amor puro, conquistara Barsabás, nas Leis Eternas, o prêmio de renascer para redimir-se.

IRMÃO X

40

Essas outras crianças

Quando abraçares teu filho, no conforto do méstico, fita essas outras crianças que jornadeiam sem lar.

*

Dispões de alimento abundante para que teu filho se mantenha em linha de robustez.

Essas outras crianças, porém, caminham des norteadas, aguardando os restos da mesa que lhes atiras, com displicência, findo o repasto.

*

Escolhes a roupa nobre e limpa com que teu filho se vestirá, conforme a estação.

Todavia, essas outras crianças tremem de frio, recobertas de andrajos.

*

Defendes teu filho contra a intempérie, sob teto acolhedor, sustentando-o à feição de joia no escrínio.

*

Contudo, essas outras crianças cochilam es tremunhadas, na via pública, quando não se dis tendem no espaço asfixiante do esgoto.

*

Abres ao olhar deslumbrado de teu filho os te souros da escola.

E essas outras crianças suspiram debalde pela luz do alfabeto, acabando, muita vez, encerradas no cubículo das prisões, à face da ignorância que lhes cega a existência.

*

Conduzes teu filho a exame de pediatras dis tintos sempre que entremostre leve dor de ca beça.

Entretanto, essas outras crianças, minadas por moléstias atrozes, agonizam em leitos de pedra, sem que mão amiga as socorra.

*

Ofereces aos sentidos de teu filho a festa per manente das sugestões felizes, por meio da educação incessante.

No entanto, essas outras crianças guardam olhos e ouvidos quase sempre sintonizados no lodo abismal das trevas.

*

Afaga, assim, teu filho no trono familiar, mas desce ao pátio da provação onde essas outras crian ças se agitam em sombra ou desespero, e ajuda-as quanto

possas!

*

Quem serve no amor do Cristo sabe que a boa palavra e o gesto de carinho, o pedaço de pão e a peça de vestuário, o frasco de remédio e a xícara de leite operam maravilhas.

*

Proclamas, a cada passo que esperas, confian te, o esplendor do futuro, mas, enquanto essas outras crianças chorarem desamparadas, clamaremos em vão pelo mundo melhor.

EMMANUEL

41

Álbum materno

...E nós respigamos alguns tópicos do álbum repleto de fotos, que descansava na penteadeira de dona Silvéria Lima, ao lermos enternecidamente a história do filho, que ela própria escrevera.

1941 — Outubro, 16 — Meu filho nasceu no dia 12. Sinto-me outra. Que alegria! Como expli car o mistério da maternidade? Meu Deus, meu Deus!... Estou transformada, jubilosa!...

Outubro, 18 — Meu filho recebeu o nome de Maurício. Aos seis dias de nascido, parece um te souro do Céu em meus braços!...

Outubro, 20 — Recomendei a Jorge trazer hoje um berço de vime, delicado e maior. O menino é belo demais para dormir no leito de madeira que lhe arranjamos. Coisa estranha!... Jorge, desde que se casou comigo, nada reclamou... Agora, ad mite que exagero. Considerou que devemos pensar nas crianças menos felizes. Apontou casos de me ninos que dormem no esgoto, mas que temos nós com meninos de esgoto? Caridade!... Caridade é cada um assumir o desempenho das próprias obri gações. Meu marido está ficando sovina. Isso é o que é...

1942 — Novembro, 11 — Mauricinho adoeceu. Sinto-me enlouquecer... Já recorri a seis médicos.

1943 — Dezembro, 15 — O pediatra aconse lhou-me deixar a amamentação e mandou que Mau ricinho largue a chupeta. Repetiu instruções, anun ciou, solene, que a educação da criança deve come çar tão cedo quanto

possível. Essa é boa! Eu sou mãe de Mauricinho e Mauricinho é meu filho. Que tem o médico de se intrometer? Amamento meu fi lho e dou-lhe a chupeta enquanto ele a quiser.

1944 — Março, 13 — Mauricinho, intranquilo, arranhou, de leve, o rosto da ama com as unhas. Brincadeira de criança, bobagem. Jorge, porém, agastou-se comigo por não repreendê-lo. Tentou ex plicar-me a reencarnação. Assegurou que a criança é um Espírito que já viveu em outras existências, quase sempre tomando novo corpo para se redimir de culpas anteriores, e repisou que os pais são res ponsáveis pela orientação dos filhos diante de Deus, porque os filhos (palavras do coitado do Jorge) são companheiros de vidas passadas que regressam até nós, aguardando corrigenda e renovação... Deu-me vontade de rir na cara dele. Antes do casa mento, Jorge já andava enrolado com espíritas... Reencarnação!... Quem acredita nisso? Balela... Chega um momento de nervosismo, a criança chora, e será justo espancá-la, simplesmente por essa razão?

1946 — Março, 15 — Jorge admoestou-me com austeridade. Parecia meu avô querendo puxar-me as orelhas. Declarou que não estou agindo bem. Acusou-me. Tratou-me como se eu fosse irrespon sável. Tem-se a impressão de que é inimigo do pró prio filho. Queixou-se de mim, alegou que estou deixando Maurício crescer como um pequeno mons tro (que palavra horrível!), tão só porque o meni no, ontem, despejou querosene no cão do vi-zinho e ateou fogo... Era um cachorro intratável e imun do. Certamente que não estou satisfeita por haver Maurício procedido assim, mas sou mãe... Meu filho é um anjo e não fez isso conscientemente. Talvez julgasse que o fogo conseguisse acabar com a sujeira do cão.

1948 — Abril, 9 — Crises de Maurício. Que brou vidraças e pratos, esperneou na birra e atirou um copo de vidro nos olhos da cozinheira, que ficou levemente machucada, seguindo para o hospital... Jorge queria castigar o menino. Não deixei. Dis cutimos. Chorei muito. Estou muito infeliz.

1950 — Setembro, 5 — A professora de Mau rício veio lastimar-se. Moça neurastênica. Inventou faltas e mais faltas para incriminar o pobre garoto. Informou que não pode mantê-lo, por mais tempo, junto dos alunos. Mulher atrevida! Pintou meu fi lho como se fosse o diabo. Ensinei a ela que a porta da

rua é serventia da casa. Deixa estar! Ela tam bém será mãe... Que bata nos filhos dela!...

1952 — Maio, 16 — Maurício já foi expulso de três colégios. Perseguido pela má sorte o meu ino centinho!... Jorge afirma-se cansado, desiludi do... Já falou até mesmo num internato de corre ção. Meu Deus, será que meu filho somente encon tre amor e refúgio comigo? Tão meigo, tão bom!... Prefiro desquitar-me a permitir que Jorge execute qualquer ideia de punição que, aliás, não consigo compreender... Meu filho será um homem sem complexos, independente, sem restrições... Quero Maurício feliz, feliz!...

1956 — Meu marido quer empregar nosso fi lho numa casa de móveis. Loucura!... Acredita que Mauricinho precisa trabalhar sob disciplina. Que plano!... Meu filho com patrão... Era o que fal tava!... Temos o suficiente para garantir-lhe sos sego e liberdade.

1957 — Janeiro, 14 — Jorge está doente. O médico pediu para que lhe evitemos dissabores ou choques. Participou-me, discreto, que meu marido tem o coração fatigado, hipertensão. Desde o ano passado, Jorge tem estado triste, acabrunhado com as calúnias que começam a aparecer contra o nosso filhinho. Amigos-ursos fantasiaram que Maurício, em vez de frequentar o colégio, vive nas ruas com vagabundos. Chegaram ao desplante de asseverar que meu filho foi visto furtando e, ainda mais... falaram que ele usa maconha em casas suspeitas. Pobre filho meu!... Sendo filho único, Maurício necessita de ambiente para estudar, e se vem, alta madrugada, para dormir, é porque precisa do auxílio dos colegas, nas várias residências em que se reúnem com os livros.

1958 — Outubro, 6 — Jorge ficou irado por que exigi dele a compra de um carro para Maurício, como presente de aniversário. Brigou, xingou, mas cedeu...

1959 — Junho, 15 — Estou desesperada. Jor ge foi sepultado ontem. Morreu apaixonado diante da violência do delegado policial que intimou Mau ricinho a provar que não estava vendendo maconha. Amanhã, enviarei um advogado ao distrito. Se pre ciso, processarei o chefe truculento... Ninguém ar ruinará o nome de meu filho, que é um santo... Oh! meu Deus, como sofrem as mães!...

1960 — Agosto, 2 — Duas mulheres me pro curaram com a intenção de

arrancar-me dinheiro. Disseram que meu filho lhes surripiou joias. Velhacas e mandrionas. Maurício jamais desceria a semelhante baixeza. Dou-lhe mesada farta. Expul sei as chantagistas e, se voltarem, conhecerão as necessárias providências.

1961 — Fevereiro, 22 — Nunca pensei que o nosso velho amigo Noel chegasse a isso!... Culpar meu filho! Sempre a mesma arenga... Maurício na maconha. Maurício no furto! Agora é um dos mais antigos companheiros de meu esposo que vem denunciar meu filho como incurso num suposto cri me de estelionato, comunicando-me, numa farsa bem tramada, que Maurício lhe falsificou a letra num cheque, roubando-lhe trezentos contos... Tudo perseguição e mentira. Já ouvi dizer que Noel anda caduco. Usurário caminhando para o hospício. Essa é que é a verdade... Sou mãe!... Não permitirei que meu filho sofra; nunca admiti que alguém le vantasse a voz contra ele... Maurício nasceu livre, é livre, faz o que entende e não é escravo de ninguém. Estou revoltada, revoltada!...

Nesse ponto, terminavam as confidências de dona Silvéria, cujo corpo estava ali, inerte e ensan guentado, diante de nós, os amigos desencarnados, que fôramos chamados a prestar-lhe assistência. Acabara de ser assassinada pelo próprio filho, obsi diado e sequioso de herança.

Enquanto selecionávamos as últimas notas do álbum singular, Maurício, em saleta contígua, tele fonava para a polícia, depois de haver armado habilmente a tese do suicídio.

IRMÃO X

42

Cristo em casa

Se desejas extinguir
A sombra que aflige e atrasa,
Não olvides acender
A luz do Evangelho em casa.
Quanto possível, nas horas
De doce união no lar,
Estende a lição divina
Ao grupo familiar.
Na chama viva da prece,
O culto nobre inicia,
Rogando discernimento
À Eterna Sabedoria.
Logo após, lê, meditando
O texto renovador
Da Boa-Nova sublime,

Que é fonte de todo o amor.

Verás a tranquilidade,
Vestida em suave brilho,
Irradiando esperança
Em todo o teu domicílio.
Ante a palavra do Mestre,
Generosa, clara e boa,
A experiência na Terra
É luta que aperfeiçoa.
Mentiras da vaidade,
Velhos crimes da avidez,
Calúnia e maledicência
Desaparecem de vez...
Serpentes envenenadas
Do orgulho torvo e escarninho,
Sob o clarão da verdade,
Esquecem-nos o caminho.
Dificuldades e provas,
Na dor amargosa e lenta,
São recursos salvadores
Com que o Céu nos apascenta.
E o trabalho por mais rude,

No campo de cada dia,
É dádiva edificante
Do bem que nos alivia.
É que, na bênção do Cristo,
Clareia-se-nos a estrada
E a nossa vida ressurge,
Luminosa e transformada.
Conduze, pois, tua casa
À inspiração de Jesus.
O Evangelho em tua mesa
É pão da Divina Luz.

CASIMIRO CUNHA

43

A mulher ante o Cristo

Toda vez nos disponhamos a considerar a mu lher em plano inferior, lembremo-nos dela, ao tem po de Jesus.

Há vinte séculos, com exceção das patrícias do Império, quase todas as companheiras do povo, na maioria das circunstâncias, sofriam extrema ab jeção, convertidas em alimárias de carga, quando não fossem vendidas em hasta pública.

Tocadas, porém, pelo verbo renovador do Di vino Mestre, ninguém respondeu com tanta lealda de e veemência aos apelos celestiais.

Entre as que haviam descido aos vales da per turbação e da sombra, encontramos em Madalena o mais alto testemunho de soerguimento moral, das trevas para a luz; e entre as que se mantinham no monte do equilíbrio doméstico, surpreendemos em Joana de Cusa o mais nobre expoente de concurso e fidelidade.

Atraídas pelo amor puro, conduziam à pre sença do Senhor os aflitos e os mutilados, os doen tes e as crianças. E embora não lhe integrassem o círculo apostólico, foram elas — representadas nas filhas anônimas de Jerusalém — as únicas de monstrações de solidariedade espontânea que o vi sitaram, desassombradamente, sob a cruz do martí rio, quando os próprios discípulos debandavam.

Mais tarde, junto aos continuadores da Boa-Nova, sustentavam-se no mesmo nível de elevação e de entendimento.

Dorcas, a costureira jopense, depois de ampa rada por Simão Pedro, fez-se mais ativa colabora dora da assistência aos infortunados. Febe é a mensageira da epístola de Paulo de Tarso aos ro manos. Lídia, em Filipos, é a primeira mulher com suficiente coragem para transformar a própria casa em santuário do Evangelho nascituro. Loide e Eunice, parentas de Timóteo, eram padrões morais da fé viva.

Entretanto, ainda que semelhantes heroínas não tivessem de fato existido, não podemos olvidar que, um dia, buscando alguém no mundo para exer cer a necessária tutela sobre a vida preciosa do Embaixador Divino, o Supremo Poder do Universo não hesitou em recorrer a abnegada mulher, escon dida num lar apagado e simples...

Humilde, ocultava a experiência dos sábios; frágil como o lírio, trazia consigo a resistência do diamante; pobre entre os pobres, carreava na pró pria virtude os tesouros incorruptíveis do coração, e, desvalida entre os homens, era grande e presti giosa perante Deus.

Eis o motivo pelo qual, sempre que o racio cínio nos induza a ponderar quanto à glória do Cristo — recordando, na Terra, a grandeza de nos sas próprias mães —, nós nos inclinaremos, reco nhecidos e reverentes, ante a luz imarcescível da estrela de Nazaré.

EMMANUEL

44

Saudade vazia

Desde muito chorava o belo filho morto,
Num desastre de mar em suntuoso falucho...
Triste, a fidalga anciã vivia em pranto e luxo,
No esplêndido solar ao pé de velho porto...
Certo dia, a criada, em rijo desconforto,
Dá-lhe um pobre enjeitado, um magro pequerrucho.
Ela clama: “Não quero! Isto é morcego e bruxo,
Tem na face de monstro o nariz feio e torto!...”.
E a dama solitária, em angústia insofrida,
Atravessou a morte e acordou noutra vida,
Buscando, ansiosa e rude, a afeição do passado...
Debalde soluçou, na lição do destino...
Ao desprezar na Terra o infeliz pequenino,
Recusara, orgulhosa, o filho reencarnado.

JORGE FALEIROS

45

Surpresa

— Se alguém de outra vida pudesse materiali zar-se aos meus olhos — dizia Germano Parreira, em plena sessão no próprio lar —, decerto que a minha fé seria maior... Um ser de outro planeta que me obrigasse a pensar... Tanta gente se reporta a visões dessa natureza! Entretanto, semelhantes apa rições não passam do cérebro doentio que as ima gina. Quero algo de evidente e palpável. Creio es tarmos no tempo da elucidação positiva...

Ouvindo-o, o irmão Bernardo, mentor espiri tual da reunião, que senhoreava as energias me diúnicas, aventou, sorridente:

— Você deseja, então, espetacular manifesta ção de Cima... Alguém que caia das nuvens à feição de um paraquedista do Espaço, em trajes fantasmagóricos, usando idioma incompreensível... um itinerante de outras constelações, cuja inopina da presença talvez ocasionasse enorme porção de mal, ao invés do bem que deveria trazer...

— Não, não é tanta a exigência — aduziu Par reira, desapontado. — Bastaria um ser materiali zado na forma humana, sem a descida visível do firmamento. Não será preciso que essa ou aquela entidade se converta em bólide para acentuar-me a convicção. Poderia surgir em nossa intimidade do méstica, sem qualquer passe de mágica, revelando -se no lar fechado em que antes não existia, a mostrar-se igual a nós outros, sendo, contudo, es tranho ao nosso conhecimento...

— No entanto, sabe você que toda concessão envolve deveres justos. Um

Espírito, para mate rializar-se na Terra, solicita meios e condições. Ima ginemos que a iniciativa transformasse o hóspede suspirado numa criatura doente e débil, requisitan do cuidado, até que pudesse exprimir-se com segu rança. Incumbir-se-ia você de auxiliar o estrangei ro, acalentando-o com tolerância e bondade, até que venha a revelar-se de todo? Estaria disposto a sofrer-lhe as reclamações e as necessidades, até que se externe, robusto e forte?

— Oh! isso mesmo. Perfeitamente!... — gri tou Parreira, maravilhado. — Contemplar um Es pírito assim, de modo insofismável, sem que eu lhe explique a existência no mecanismo oculto, conso lidaria, sem dúvida, a riqueza de minha fé na imor talidade. Isso é tudo quanto peço, tudo, tudo...

Bernardo sorriu, filosoficamente, e acrescentou:

— Mas, Parreira, isso é acontecimento de todo dia e tal manifestação é recente sob o teto que nos acolhe. Ainda agora, na quinzena passada, você re cebeu semelhante bênção, asilando no próprio lar um viajante de outras esferas, com a obrigação de ajudá-lo até que se enuncie sem vacilação de qual quer espécie... Esse gênio bondoso e amigo corpo rificou-se quase em seus braços. Bateu-lhe à porta, que você abriu generosamente. Entrou. Descansou. Permaneceu. E, ainda agora, ligado a você, espera por seu carinho e devotamento, a fim de atender plenamente à própria tarefa...

— Como assim? como assim? — irrompeu Germano, incrédulo. — Nada vi, nada sei, não pode ser...

Mas o Benfeitor espiritual, controlando o mé dium, ergueu-se a passo firme e, demandando apo sento próximo, de lá regressou, trazendo leve fardo.

Ante a surpresa dos circunstantes, Bernardo depositou-o com respeitosa ternura no regaço do amigo que ainda argumentava.

Parreira desenovelou curiosamente o pequenino volume e, entre aflito e espantado, encontrou, em plácido sono de recém-nato, o corpo miúdo e quente do próprio filho...

IRMÃO X

46

No lar

Não olvides que teu filho, sendo a materialização de teu sonho, é também tua obra na Terra.

Às vezes é um lírio que plantaste no tempo; contudo, na maioria das ocasiões, é um fragmento de mármore que deixaste a distância.

Flor que te pode encorajar ou pedra que te pode ferir.

Recebe-o, pois, como quem encontra a oportunidade mais santa de trabalho no mundo.

Não lhe abandones o espírito à liberdade ab soluta, para que se não perca ao longo da estrada, e nem cometas a loucura de encarcerá-lo em teus pontos de vista, para que o teu exclusivismo não lhe desfigure as qualidades inatas para o infinito bem.

Ajuda-o, acima de tudo, a crescer para o ideal superior, assim como auxilias a árvore nascente, em ímpeto ascensional para a luz.

Livra-o das deformidades mentais, tanto quan to proteges o vegetal proveitoso contra a invasão da erva sufocante.

Ser pai é ser colaborador efetivo de Deus na Criação.

Receber um filho é deter entre os homens o mais sagrado depósito.

Não desertes, assim, da abnegação em que deves empenhar todas as forças peculiares à própria vida, a fim de que o rebento de tuas aspirações humanas se

faça legítimo sucessor dos teus mais íntimos an seios de elevação.

O lar, na Terra, ainda é o ponto de convergên cia do passado. Dentro dele, entre as quatro pare des que lhe constituem a expressão no espaço, re cebemos todos os serviços que o tempo nos impõe, habilitando-nos ao título de cidadãos do mundo.

Exercitemos, desse modo, o amor e o serviço, a humildade e o devotamento, no templo familiar, à frente de nossos amigos ou adversários do preté rito transformados hoje em nossos parentes ou em nossos filhos, e estaremos alcançando nos proble mas da eternidade a mais alta e a mais sublime equação.

EMMANUEL

47

Coração maternal

Mãe, que te recolhes no lar atendendo à Di vina Vontade, não fujas à renúncia que o mundo te reclama ao coração.

Recebeste no templo familiar o sublime man dato da vida.

Muitas vezes, ergues-te cada manhã, com o suor do trabalho, e confias-te à noite, lendo a página branca das lágrimas que te manam da alma ferida.

Quase sempre, a tua voz passa desprezada, como vazio rumor, no alarido das discussões do mésticas, e as tuas mãos diligentes servem, com sa crifício, sem que ninguém lhes assinale o cansaço...

Lá fora, os homens guerreiam entre si, dispu tando a posse efêmera do ouro ou da fama, da evi dência ou da autoridade... Além, a mocidade, em muitas ocasiões, grita festivamente, buscando o mentiroso prazer do momento rápido...

Enquanto isso, meditas e esperas, na solidão da prece com que te elevas ao Alto, rogando a feli cidade daqueles de quem te fizeste o gênio guar dião.

Quando o santo sobe às eminências do altar, ninguém te vê nas amarguras da base, e quando o herói passa, na rua, coroado de louros, ninguém se lembra de ti na retaguarda de aflição.

Deste tudo e tudo ofereceste; entretanto, raros se recordam de que teus olhos jazem nevoados de pranto e de que padeces angustiosa fome de com preensão e carinho.

No entanto, continuas amando e ajudando, per doando e servindo...

Se a ingratidão te relega à sombra na Terra, o Criador de tua milagrosa abnegação vela por ti, dos Céus, através do olhar cintilante de milhões de estrelas.

Lembra-te de que Deus, a fonte de todo o amor e de toda a sabedoria, é também o grande anônimo e o grande esquecido entre as criaturas.

Tudo passa no mundo...

Ajuda e espera sempre.

Dia virá em que o Senhor, convertendo os braços da cruz de teus padecimentos em grandes asas de luz, transformará tua alma em astro divino a iluminar para sempre a rota daqueles que te pro puseste socorrer.

MEIMEI

48

Trovas de mãe

Dia das Mães!... Alegrias
Das mais puras, das mais belas!...
Mas é preciso saber
O dia que não é delas.

*

O nosso berço no mundo,
Sem que ninguém o defina,
É um segredo entre a mulher
E a Providência Divina.

*

Mãe possui onde apareça
Dois títulos a contento:

Escrava do sacrifício,
Rainha do sofrimento.

*

Mulher quando se faz mãe,
Seja ela de onde for,
Por fora, é sempre mulher,
Por dentro, é um anjo de amor.

*

Maternidade na vida,
Que o saiba quem não souber,
É uma luz que Deus acende
No coração da mulher.

*

Coração de mãe parece,
No lar em que se aprimora,
Padecimento que ri,
Felicidade que chora.

*

Pela escritura que trago,
Na história dos sonhos meus,
Mãe é uma estrela formada
De uma esperança de Deus.

*

Quantas mães lembram roseira!
Quantos filhos rosas são!...
Quanta rosa junto à festa!
Quanta roseira no chão!...

DELFINA BENIGNA DA CUNHA

49

Em casa

Ninguém foge à lei da reencarnação.

*

Ontem, atraiçoamos a confiança de um com panheiro, induzindo-o à derrocada moral.

Hoje, guardamo-lo na condição do parente di fícil, que nos pede sacrifício incessante.

*

Ontem, abandonamos a jovem que nos amava, inclinando-a ao mergulho na lagoa do vício.

Hoje, temo-la de volta por filha incompreen siva, necessitada do nosso amor.

*

Ontem, colocamos o orgulho e a vaidade no pei to de um irmão que nos seguia os exemplos menos felizes.

Hoje, partilhamos com ele, à feição de esposo despótico ou de filho-problema, o cálice amargo da redenção.

*

Ontem, esquecemos compromissos veneráveis, arrastando alguém ao suicídio.

Hoje, reencontramos esse mesmo alguém na pessoa de um filhinho, portador de moléstia irre versível, tutelando-lhe, à custa de lágrimas, o tra balho de reajuste.

*

Ontem, abandonamos a companheira inexpe riente, à míngua de todo auxílio, situando-a nas garras da delinquência.

Hoje, achamo-la ao nosso lado, na presença da esposa conturbada e doente, a exigir-nos a perma nência no curso infatigável da tolerância.

*

Ontem, dilaceramos a alma sensível de pais afetuosos e devotados, sangrando-lhes o espírito, a punhaladas de ingratidão.

Hoje, moramos no espinheiro em forma de lar, carregando fardos de angústia, a fim de aprender a plantar carinho e fidelidade.

À frente de toda dificuldade e de toda prova, abençoa sempre e faze o melhor que possas.

Ajuda aos que te partilham a experiência, ora pelos que te perseguem, sorri para os que te ferem e desculpa todos aqueles que te injuriam...

A humildade é chave de nossa libertação.

E, sejam quais sejam os teus obstáculos na família, é preciso reconhecer que toda construção moral do Reino de Deus, perante o mundo, começa nos alicerces invisíveis da luta em casa.

EMMANUEL

50

Provação materna

Gritava a nobre anciã, em rede morna e langue:
— Bate, meu filho!... Zurze o chicote a preceito!...
“Um servo é igual ao boi que nasceu para o eito...”
E o filho, Dom Muniz, deixava o servo em sangue.
Dos salões da fazenda ao derradeiro mangue,
Esculpira a fidalga um carrasco perfeito.
Mas vem a morte, um dia, e leva o filho eleito,
A matrona pranteia e larga o corpo exangue...
No Além, cai Dom Muniz em abismos de prova!...
Aflita, a pobre mãe pede a Deus vida nova,
Quer guardá-lo, outra vez, numa estrada sem brilho...
Hoje, mulher sem lar, definha, a pouco e pouco,
E, aos duros repelões de um jovem cego e louco,
Roga, em pranto de amor: “Não me batas, meu filho!”.

VALENTIM MAGALHÃES

51

Mensagem da criança ao homem

Construíste palácios que assombram a Terra; entretanto, se me largas ao relento, porque me fal tem recursos para pagar hospedagem, é possível que a noite me enregele de frio.

*

Multiplicaste os celeiros de frutos e cereais, garantindo os próprios tesouros; contudo, se me negas lugar à mesa, porque eu não tenha dinheiro a fim de pagar o pão, receio morrer de fome.

*

Levantaste universidades maravilhosas, mas, se me fechas a porta da educação, porque eu não possua uma chave de ouro, temo abraçar o crime sem perceber.

*

Criaste hospitais gigantescos; no entanto, se não me defendes contra as garras da enfermidade, porque eu não te apresente uma ficha de crédito, descerei

bem cedo ao torvelinho da morte.

*

Proclamas o bem por base da evolução; toda via, se não tens paciência para comigo, porque eu te aborreça, provavelmente ainda hoje cairei na ar madilha do mal, como ave desprevenida no laço do caçador.

*

Em nome de Deus que dizes amar, compadece-te de mim!...

Ajuda-me hoje para que eu te ajude amanhã.

Não te peço o máximo que alguém talvez te venha a solicitar em meu benefício...

Rogo apenas o mínimo do que me podes dar para que eu possa viver e aprender.

MEIMEI

52

Conselho materno

Ouve, filhinho,
Pelo caminho
Encontrarás
Muita criança
Sem esperança,
Sem luz, sem paz...
Aves pequenas,
Guardam apenas
O pranto e a dor,
Rolando ao vento
Do sofrimento
Esmagador.
Passam a sós,
Erguendo a voz,
Pedindo pão...

Passam em bando,
Dilacerando
O coração.
Ante a tristeza
Dessa aspereza,
Desse amargor,
Filhinho amigo,
Dá-lhes abrigo,
Dá-lhes amor...
És irmãozinho
Do pobrezinho
Que aflito vai...
Nos mesmos trilhos
Nós somos filhos
Do mesmo Pai.

JOÃO DE DEUS

53

Preparação familiar

O problema familiar, por mais que nos des preo-cupemos dele, buscando fugir à responsabili dade direta, constituirá sempre uma das questões fundamentais da felicidade humana.

É um erro tremendo supor que a morte apaga as recordações, à maneira da esponja que absorve o vinagre na limpeza do vaso culinário. Certamen te, os laços menos dignos terminam na sombra do sepulcro, quando suportados valorosamente, e en carados como sacrifício purificador, na existência material. Noventa por cento, talvez, dos matrimô nios, infelizes pela ausência de afinidade espiritual, extinguem-se com a morte, que liberta naturalmen te as vítimas dos grilhões e dos algozes. O Evan gelho de Jesus ensina entre os vivos que Deus não é Deus de mortos, e os que perderam a indumentá ria carnal, sentindo-se mais vivos que nunca, acres centam que Deus não é Deus de condenados. Que os Otelos da Terra se previnam, em suas relações com as Desdêmonas virtuosas do mundo, porque, além do cadáver, não poderão apunhalar as esposas livres da carne, e as mulheres ciumentas, desgre nhadas dentro da noite, a gritarem blasfêmias in juriosas contra os maridos inocentes, preparem-se para longo tempo de separação na esfera invisível, onde, na melhor das hipóteses, receberão serviços reeducativos, em seu próprio favor.

A morte seria um monstro terrível se conso lidasse as algemas terrestres naqueles que tolera ram heroicamente a tirania e o egoísmo de outrem. Além de seus muros de sombra, há castelos subli mes para os que amaram com alma e entesouraram, com o sentimento mais puro, o ideal e a esperança numa vida

melhor, e há também precipícios escuros, por onde descem os revoltados, em desespero, por não poderem oprimir e martirizar, por mais tempo, os corações devotados e sensíveis, de que se rodea vam na Terra.

Feita a ressalva, alusiva aos princípios de afi nidades que regem a sociedade espiritual, recorde mos a missão educativa que o mundo confere ao coração dos pais, em nome de Deus.

Constituiria ato casual da Natureza a reunião de duas criaturas, convertidas em pai e mãe de di versos seres? Mera eventualidade o erguimento de um berço enfeitado de flores?

Diz a Medicina que o fato se resume a simples acontecimento biológico, o estatuto político relacio na mais um habitante a enriquecer o povoamento do solo, e a Teologia sustenta que o Criador acaba de formar outra alma, destinada ao teatro da vida, enquanto a instituição doméstica celebra a ocorrên cia com desvairada alegria, muito bela sem dúvida, mas vizinha da irreflexão e da irresponsabilidade.

É razoável que os pais sintam emoções verdadeira mente sublimes e acolham o rebento de seu amor com indefiníveis transportes de júbilo. Todavia, é necessário acrescentar que a galinha e a leoa fazem o mesmo. Certas aves do sul da Europa chegam a roubar pequeninas joias de damas ricas, a fim de adornarem o ninho venturoso pela chegada dos fi lhotinhos. Por esse motivo, no círculo da Humani dade, é preciso instituir serviços eficientes contra o carinho inoportuno e esterilizante.

Os filhos não são almas criadas no instante do nascimento, conforme as velhas afirmativas do sa cerdócio organizado. São companheiros espirituais de lutas antigas, a quem pagamos débitos sagrados ou de quem recebemos alegrias puras, por créditos de outro tempo. O instituto da família é cadinho sublime de purificação, e o esquecimento dessa ver dade custa-nos alto preço na vida espiritual.

É lamentável nosso estado de alma quando vol tamos à vida livre, de coração escravizado ao cam po inferior do mundo, em virtude do olvido de nos sas obrigações paternais. Em vão, tentaremos en sinar tardiamente as lições da realidade legítima; debalde nos abeiraremos dos corações amados, para recordar

a eternidade da vida. Semelhantes impul sos se verificam fora da ocasião desejável, porque a fantasia já solidificou a sua obra e a ilusão mo dificou a paisagem natural do caminho. Não va lem mais o pranto e a lamentação. É indispensável aguardar o tempo da misericórdia, já que menos prezamos o tempo do serviço!

Precatem-se, pois, os pais e mães terrestres, para que não se percam, envenenando o coração dos filhos, à distância do dever e do trabalho. Ani quilem o egoísmo afetuoso que os cega se não que rem cavar o abismo futuro!...

Enquanto escrevo, ouço um amigo, já arreba tado igualmente da vida humana, que me pede endereçar aos companheiros encarnados as seguintes ponderações:

— Bem-aventurados os pais pobres de dinheiro ou renome, que não tolhem a iniciativa própria dos filhos nos caminhos da edificação terrestre! Por meio do trabalho áspero e duro, de decepções e di ficuldades, ensinam aos rebentos de seu lar que são irmãos dos batalhadores anônimos do mundo, dos humildes, dos calejados, construindo-lhes a ventura em bases sólidas e formando-lhes o coração na fé e no trabalho, antes que venham a perverter o cé rebro com vaidades e fantasias! Esses, sim, podem abandonar a Terra, tranquilamente, quando a morte lhes cerrar as pálpebras cansadas... Mas infor tunados serão todos os pais ricos de bagagens mun danas, que desfiguram a alma dos filhos, impondo -lhes mentirosa superioridade pelos artificialismos da instrução paga, carregando-lhes a mente de con cepções prejudiciais, acerca do mundo e da vida, pelo exercício condenável de uma ternura falsa! Esses, esperem pelas contas escabrosas, porque, de fato, tentaram enganar a Deus, distanciando-lhe os filhos da verdade e da luz divina... Depois da mor te do corpo, sentirão a dor de se verem esquecidos no dia imediato ao dos funerais de seus despojos, acompanhando, em vão, como mendigos de amor, os filhos interessados na partilha dos bens, a reve larem atitudes cruéis de egoísmo e ambição!

Com estas palavras de um amigo, finalizo mi nhas despretensiosas considerações sobre as responsabilidades domésticas, mas duvido que existam pais e filhos na carne com bastante sensatez para nelas acreditarem.

IRMÃO X

54

Santa maternidade

Recordo, castelã!... O narciso trescala
Do teu colo a fulgir de joias soberanas...
Alguém morre na festa... E, soberba, te ufanas
Do jovem que impeliste ao suicídio na sala.
Tempos correram, presto... Entre humildes choupanas,
Trazes agora ao peito um filhinho sem fala,
Mutilado ao nascer, flor que se despetala,
No trato de aflição da prova em que te fanas...
Restauras, padecente, a vítima de outrora,
Ontem, transviada e ré; hoje, mãe que ama e chora!...
Salve a reencarnação, passaporte ao futuro!
Mãe, agradece a dor!... No porvir que vem perto,
Brilharás como estrela, ante o filho liberto,
E alcançarás, ditosa, o reino do amor puro!...

EPIPHANIO LEITE

55

Papai rico

Conheci Cantídio Pereira em pleno fastígio econômico. Duas fazendas na gleba fluminense e grande conjunto residencial em formosa praia do Rio. Gostava de carros e viagens, diversões e ape ritivos. Era, em suma, cavalheiro elegante e bem-posto, relacionando anedotas finas em cada con versação.

Não abraçava o grande amigo, desde muito tempo, quando fui reencontrá-lo, justamente ali, em velha casa consagrada a problemas e assuntos de reencarnação.

Recolhi-o, de encontro ao peito, com a felici dade de quem surpreende um irmão em país dife rente, e passamos a falar no mesmo idioma de ca rinho e recordação.

Ignorando-lhe a mudança da Terra para a vida espiritual, era natural me espantasse, não apenas por revê-lo em pessoa, mas também ao verificar - -lhe a aflitiva apresentação.

O antigo gentleman, que envergava costumes de puro linho inglês nos repastos do Leme, parecia desempenhar agora o papel de mendigo. Veste rota, desajeitada. Amargura, desencanto, tristeza...

Foi por isso, talvez, que às minhas primeiras indagações veladas respondeu sem rebuços:

— Não se admire, meu caro... Não é a morte que opera tamanha transformação. É a própria vida que continua...

— Mas você...

— Não faça perguntas — falou bem-humorado —, explicarei...

E prosseguiu:

— Você provavelmente ainda não sabe que voltei da Terra há dois anos. Tempo bastante para renovar-me em todas as dimensões, apesar de ter vivido por lá mais de setenta. Imagine que meus quatro filhos eram meus quatro amores. Viúvo desde a mocidade, concentrei neles a própria vida. João e Eduardo, Linda e Eunice resumiam meus sonhos. Casados, continuaram a ser minha doce alegria. Além disso, povoaram-me a velhice com quatro netos, que eram para mim claros jorros de sol. Julguei que a morte não nos distanciasse uns dos outros; entretanto, meu amigo, tão logo cerrei os olhos, a paixão do dinheiro endoideceu minha gente. Tudo começou, ao pé das orações que fize ram de boca, por intenção de minha felicidade, no sétimo dia depois da grande separação. Conduzido por mãos amigas ao templo religioso em que se ajuntavam, observei, assombrado, que filhos e fi lhas, noras e genros se entreolhavam com inespe rada desconfiança. Em seguida às preces, Linda e Eunice começaram a rixar, em nossa casa, pela posse de alguns pratos de porcelana chinesa, não pelo valor afetivo que assinalavam, mas pelo preço a serem vendidos na feira de antiguidades. Cha mados à cena, Eduardo e João, com as respectivas esposas, desceram a outras minúcias e, ali mesmo, no santuário doméstico, vi lembranças quebradas, vasos atirados pelas janelas, livros queimados e re tratos destruídos com a troca abundante de murros e palavrões. O lar, dantes respeitado, fez-se palco de luta livre. Chorei e implorei concórdia, mas nin guém me sentiu a presença. Na noite desse mesmo dia, meus genros procuraram meus filhos, com pe sadas reclamações. Afirmando-se injuriados, exi giam adiantamento sobre a herança. Surpreendidos por ameaças, na solidão do extenso gabinete que me fora refúgio, meus rapazes assinaram cheques vultosos, tomados de ódio silencioso. No dia ime diato, um dos genros comprou carro de luxo, ini ciando-se em bebedeiras, enquanto o outro dava curso à recalcada predileção pelas corridas, adqui rindo cavalos de grande fama. Linda e Eunice re clamaram em vão. Totalmente alterados pelo di nheiro fácil, ambos desgarraram para o vício. Minhas filhas passaram a conhecer dificuldades que nunca viram. Linda, mais sensível, adoeceu, e, porque mos trasse profundo desequilíbrio nervoso, foi

recolhida a uma casa de alienados mentais. Eunice enlou queceu de outro modo... Acompanhando o marido para fiscalizar-lhe as noitadas alegres, aderiu aos prazeres noturnos, caindo em conflitos sentimentais de que somente se livrará Deus sabe quando... João e Eduardo, a princípio unidos pelo interesse, acabaram desavindos... Disputaram a posse das vacas, praguejando entre si... Depois, divergiram quanto à escolha das terras, em seguida venderam -me as casas, devastando-me os bens, assumindo a posição de inimigos ferozes... De bolsos recheados, esqueceram as obrigações de família e puseram-se, desorientados, no tropel da aventura... As noras igualmente, acreditando mais no dinheiro que no trabalho, descambaram para mentiras douradas, apodrecendo em preguiça, e os meus pobres netos são hoje meninos infelizes... Os dois menores es tão viciados em gotas entorpecentes e os dois maio res em flagelo de lambreta...

De expressão desenxabida, Pereira ajuntou:

— Nunca recebi dos meus o favor de uma prece realmente sincera, nem o socorro de um só pensa mento de gratidão... No fundo, colhi o que se meei... Acima da riqueza amoedada, deveria co locar o trabalho e a educação, a fraternidade e a beneficência... Agora, é preciso voltar à Terra, começar tudo de novo e olvidar a minha tragédia de papai rico...

Nesse ínterim, o dirigente da instituição cha mou por ele e pude ouvir o Instrutor dizer-lhe, grave:

— Seu pedido de reencarnação, por enquanto, não tem fundamento... Você tem créditos para re pousar e preparar-se, por mais quarenta a cinquen ta anos, junto de nós...

— Entretanto — falou Cantídio —, tenho pres sa... Aspiro a novo corpo de carne, a agir e a es quecer...

— Bem — aduziu o diretor —, para o momen to, só dispomos de recurso difícil. Só existe uma oportunidade, já, já... O irmão poderá reencarnar na região do Rio de Janeiro, mas... não na beleza e na glória da grande cidade que tanto amamos, mas sim entre os filhos de um casal de idiotas, no antigo Morro dos Cabritos...

Cantídio, no entanto, longe de aborrecer-se, pôs as mãos postas em sinal de agradecimento e gritou, feliz:

— Obrigado! Obrigado!... Renascer no Morro dos Cabritos, com pouca memória, é muita felici dade!...

E concluiu, transtornado de júbilo:

— Bendito seja Deus!

IRMÃO X

56

Meu filho

Filho meu de outro tempo, armei-te de ouro e lança,
Exortei-te a sonhar: “ama, constrói, ensina!...”.
E transformaste o mando em presença assassina;
Vejo-te a trilha em fogo onde a memória alcança.
Quis ver-te reencarnado... O amor jamais descansa.
E achei-te — águia enjaulada em gaiola mofina —
Cego e mudo a esmolar e a gemer em surdina.
Trazes luto no peito e chagas na lembrança!...
Chorei ao reencontrar-te em provações supremas...
Louvo, entanto, meu filho, as ríspidas algemas
Da dor a nos zurzir, ao redor de teus passos!...
O pranto lavará nossas culpas longevas,
E, um dia, subirás da humilhação nas trevas
Para a glória da luz na concha dos meus braços.

EPIPHANIO LEITE

57

Crianças doentes

Acalentas nos braços o filhinho robusto que o lar te trouxe e, com razão, te orgulhas dessa pérola viva. Os dedos lembram flores desabrochando, os olhos trazem fulgurações dos astros, os cabelos recordam estrigas de luz e a boca assemelha-se a con cha nacarada, em que os teus beijos de ternura desfalecem de amor.

Guarda-o, de encontro ao peito, por tesouro celeste, mas estende compassivas mãos aos peque ninos enfermos que chegam à Terra como lírios contundidos pelo granizo do sofrimento.

Para muitos deles, o dia claro inda vem muito longe...

São aves cegas que não conhecem o próprio ninho, pássaros mutilados esmolando socorro em recantos sombrios da floresta do mundo!... Às vezes, parecem anjos pregados na cruz de um corpo paralítico ou mostram no olhar a profunda tris teza da mente anuviada de densas trevas.

Há quem diga que devem ser exterminados para que os homens não se inquietem; contudo, Deus, que é a bondade perfeita, no-los confia hoje, para que a vida, amanhã, se levante mais bela.

Diante, pois, do teu filhinho quinhoado de re conforto, pensa neles!... São nossos outros filhos do coração, que volvem das existências passadas, mendigando entendimento e carinho, a fim de que se desfaçam dos débitos contraídos consigo mes mos...

Entretanto, não lhes aguardes rogativas de compaixão, de vez que, por agora, sabem tão so mente padecer e chorar.

Enternece-te e auxilia-os quanto possas!...

E, cada vez que lhes ofertes a hora de assistência ou a migalha de serviço, o leito agasalhante ou a lata de leite, a peça de roupa ou a carícia do talco, perceberás que o júbilo do Bem Eterno te envolve a alma no perfume da gratidão e na me lodia da bênção.

MEIMEI

58

O irmãozinho

Quando nasceu Antoninho,
Disse vovó, com carinho:
— Nesta adorável criança,
Temos mais uma esperança!
Ganhamos um novo amigo
Que procura nosso abrigo.
É um Espírito que vem
Buscar a verdade e o bem;
Crescerá, junto de nós,
Terá força, terá voz...
Agora, é um bebê risonho,
No berço feito de sonho:
Amanhã, que se comporte,
Será homem nobre e forte.
Seu coração está cheio

Da grande luz de onde veio.
Ele volta ao nosso nível
Da imensa esfera invisível,
Procurando amor e luz
Para servir a Jesus.
Em seguida, vovozinha
Beijou-lhe a face branquinha,
E falou, findo o intervalo:
— Deus nos ajude a guardá-lo.

JOÃO DE DEUS

59

Pais e filhos

Nas vésperas da reencarnação, sou impelido a falar- -vos de minha bancarrota espiritual!...

Instrutores e guardiães recomendam-me des ta-car a importância do ouvido...

Conseguiria, no entanto, ensinar alguma coisa?

Devo compreender a razão dessa ordem.

Nada possuo de bom para dar; contudo, as vítimas da calúnia conseguem reter o doloroso privi légio de exibir a própria falência!...

Ó Deus de amor, dai-me forças para confessar a verdade, apenas a verdade!...

Pedreiro modesto, órfão de mãe desde a meni nice, casei-me por amor, embora contra os desíg nios de meus irmãos, que me reservavam noiva diferente. Garantindo-me a escolha, porém, estava nosso pai a meu lado — o abnegado pai que ama durecera o raciocínio nas dificuldades do mundo e iluminara o coração no conhecimento do Espiri tismo. Carinhoso, assegurou-me o enlace, aprovou - me as decisões e intentou preparar-me, diante da vida, dispensando-me ensinamentos que eu simu lava aceitar, de modo a lhe não perder a compla cência e a ternura...

Seis anos passaram sem que a hostilidade fa miliar contra minha mulher esmorecesse, seis anos de maledicência na base da perseguição cordial...

Alice, a companheira inexperiente, proporcio nara-me dois filhos queridos, quando se engravidou pela terceira vez.

Nessa época, o veneno já me corroera a con fiança.

Apontava-se amigo nosso de infância como sen do o responsável pelos supostos desacertos daquela que a Providência Divina me colocara nas mãos por esposa leal.

Circunstâncias provocadas pelos que mostra vam interesse em nossa desunião, falsos testemu nhos, bilhetes anônimos e difamações fantasiadas de bons conselhos acabaram por arruinar-me...

Discutimos.

Acusei-a, defendeu-se. Chorou, escarneci...

E, para fiscalizar-lhe a conduta, transferi-me para a casa paterna, ameaçando tomar-lhe as crian ças, por meio do desquite. Para isso, porém, queria provas, tinha fome de confirmações do inexistente.

Meu pai surgia conciliador:

— Meu filho, paternidade é compromisso pe rante Deus...

— Você não tem direito de proceder assim...

— Onde a caridade para com a esposa in gênua?...

— Mesmo que ela errasse, constituiria isso motivo para uma sentença de abandono implacável?

— Há comportamentos ditados por desequilíbrios espirituais que não conhecemos na origem...

— Pense nas tragédias da obsessão que cam peiam no mundo...

— E os pequeninos? Terão eles a culpa de nossas perturbações?

— Recorramos à prece, meu filho!... A prece nos clareará o caminho...

Silenciava, ao recolher-lhe as advertências, em face da veneração que lhe tributava, mas, no ínti mo, articulava minhas respostas não manifestas: “ora rei pela boca do revólver”, “pobre pai”, “bobo de velho com 76 anos”, “cabeça

tonta”, “ca duco”, “fanático”...

E, noite a noite, espreitava, de longe, os mo vimentos de Alice, à feição da serpente vigiando a furna de que aparentemente desertara.

Duas semanas decorreram, normais, quando so breveio o momento em que lobriguei o vulto de um homem que saía de nossa casa...

Seria o rival...

Guardei segredo e prossegui na tocaia.

Mais quatro dias e o mesmo homem chegou de carro, despediu-se do motorista e entrou...

Puxei o relógio. Onze horas e quinze minutos. Noite quente.

Prevenido, acerquei-me da moradia, que se lo calizava em subúrbio remoto.

Encontraram-se os dois com mostras de inti midade e, a distância, notei que se acomodavam num banco de pedra do pátio lateral, que a sombra envolvia. Conversavam sugerindo carinho mútuo. Enxergava-lhes o perfil, mergulhado em penumbra, conquanto não lhes ouvisse as palavras, e estudei, friamente, a posição que ocupavam na peça estreita.

Desvairado, consultei o portão de entrada, ve rificando-o semiaberto. Acesso fácil.

Com a sagacidade de um felino, avancei, des carregando a arma nos dois.

Ouvi gritos, mas ocultei-me na vizinhança para fugir em seguida, a sentir-me vingado.

Não vacilaria arrostar a polícia, se necessário.

Tentando refrigerar a cabeça, procurei descan sar algumas horas em praia deserta. Entreguei o revólver à lama de esgoto esquecido e voltei a casa para saber, aterrado, que eu não apenas assassinara minha esposa, mas também meu abnegado pai que a socorria...

Não acreditei.

Corri ao necrotério e, ao reconhecê-los, tornei ao lar, atormentado pelo

remorso, e enforquei-me, sem dar outra impressão que não fosse a de um homem que a dor fizera delirar, atirando-o ao sui cídio...

Exilado por minha própria crueldade, em vales tenebrosos, nunca mais vi os que amo...

Entendereis o que sofro?

Quantos anos passaram sobre os meus crimes? Não sei... Os que choram sem o controle do tempo não sabem contar as horas...

Misericórdia, meu Deus!...

Dai-me a reencarnação, os empeços da Terra, a luta, a provação e o esquecimento, mas ainda que eu padeça humilhação e surdez, durante séculos, permiti, Senhor, que eu aprenda a escutar!...

JOÃO

60

O culto cristão no lar

Povoara-se o firmamento de estrelas, dentro da noite prateada de luar, quando o Senhor, instalado provisoriamente em casa de Pedro, tomou os Sagrados Escritos e, como se quisesse imprimir novo rumo à conversação que se fizera improdutiva e menos edificante, falou com bondade:

— Simão, que faz o pescador quando se dirige para o mercado com os frutos de cada dia?

O Apóstolo pensou alguns momentos e respon deu, hesitante:

— Mestre, naturalmente escolhemos os peixes melhores. Ninguém compra os resíduos da pesca.

Jesus sorriu e perguntou de novo:

— E o oleiro? que faz para atender à tarefa a que se propõe?

— Certamente, Senhor — redarguiu o pesca dor, intrigado —, modela o barro, imprimindo-lhe a forma que deseja.

O Amigo celeste, de olhar compassivo e fulgurante, insistiu:

— E como procede o carpinteiro para alcançar o trabalho que pretende?

O interlocutor, muito simples, informou sem vacilar:

— Lavrará a madeira, usará a enxó e o serro te, o martelo e o formão. De outro modo, não aperfeiçoará a peça bruta.

Calou-se Jesus, por alguns instantes, e aduziu:

— Assim, também, é o lar diante do mundo. O berço doméstico é a primeira escola e o primeiro templo da alma. A casa do homem é a legítima exportadora de caracteres para a vida comum. Se o negociante seleciona a mercadoria, se o marce neiro não consegue fazer um barco sem afeiçoar a madeira aos seus propósitos, como esperar uma co munidade segura e tranquila sem que o lar se aper feiçoe? A paz do mundo começa sob as telhas a que nos acolhemos. Se não aprendemos a viver em paz entre quatro paredes, como aguardar a har monia das nações? Se nos não habituamos a amar o irmão mais próximo, associado à nossa luta de cada dia, como respeitar o Eterno Pai que nos pa rece distante?

Jesus relanceou o olhar pela sala modesta, fez pequeno intervalo e continuou:

— Pedro, acendamos aqui, em torno de quan tos nos procuram a assistência fraterna, uma cla ridade nova. A mesa de tua casa é o lar de teu pão. Nela, recebes do Senhor o alimento para cada dia. Por que não instalar, ao redor dela, a semen teira da felicidade e da paz na conversação e no pensamento? O Pai, que nos dá o trigo para o ce leiro, através do solo, envia-nos a luz através do Céu. Se a claridade é a expansão dos raios que a constituem, a fartura começa no grão. Em razão disso, o Evangelho não foi iniciado sobre a multi dão, mas sim no singelo domicílio dos pastores e dos animais.

Simão Pedro fitou no Mestre os olhos humildes e lúcidos e, como não encontrasse palavras adequa das para explicar-se, murmurou, tímido:

— Mestre, seja feito como desejas.

Então Jesus, convidando os familiares do Após tolo à palestra edificante e à meditação elevada, desenrolou os escritos da sabedoria e abriu, na Terra, o primeiro culto cristão do lar.

NEIO LÚCIO

61

Confissão materna

Sou trazida a narrar-vos triste episódio de mi nha derradeira experiência no mundo.

Onde, porém, as palavras que me possam ex primir a desolação?

Ainda assim, amigos espirituais asseveram que devo falar às mães, e obedeço...

A Providência Divina honrou-me o coração, concedendo-me um lar na Terra, mas, dentro dele, era eu a irritação em movimento.

Nunca cheguei a examinar minha cegueira de espírito. Em minha inquietação e egoísmo, dedi cava-me a descobrir as faltas alheias. Respirando, entre a maledicência e a desconfiança, notava gol pes nos mínimos gestos de amizade espontânea.

O próprio tempo não escapava. Toda tempe ratura, no curso de cada dia, me encontrava des pejando condenação:

— A chuva ensopa...

— O calor asfixia...

— Vento de peste...

— Melhor que o frio nos mate a todos...

Qualquer bagatela me arrancava blasfêmias:

— Deus não me atende!...

— Não oro mais...

— Por que não morri na hora do nascimento?

— De todas as mulheres, sou a mais infeliz...

Alimentando a ira por vício, estimava que os outros me acreditassem enferma, sem perceber que me transformava, a pouco e pouco, em fera huma na, sob a jaula da pele.

Se meu esposo, leal e amigo, surgia calmo, es bra-vejava contra ele, acusando-o de inerte; se pon dera-va quanto a despesas desnecessárias, chamava -lhe, de imediato unha de fome; se me estendia alguma dádiva menos cara, interpretava-lhe a gen tileza por sovinice; se me ofertava uma lembrança de preço, queixava-me da mesma forma, gritando -lhe em rosto que ele nunca passara de um mané gastador...

Foi nessa disposição insensata que me ergui, excitada, no dia terrível da provação.

Às sete da manhã, acordei meu filhinho de oito anos para as lides da escola e escutei-o a choramingar:

— Estou doente, mãezinha, hoje quero ficar com a senhora, não posso sair, tenho dor de ca beça...

Precipitada, frenética, não me contive e bradei:

— Preguiçoso! Trate de levantar-se! Doente com essa cara! Era só o que faltava... Chega o que sofro!...

— Mãezinha, deixe que eu fique! Hoje só...

— Levante-se, levante-se, menino!

Transtornada, sentei-o à força.

Ordenei-lhe que se calçasse, ao que se opôs, pedindo, suplicante:

— Mamãe, não me deixe ir!... Hoje só...

Encolerizada, tomei de um dos seus sapatos, colocando-o no pé, com a

violência de quem espan ca, e ouvi-o clamar em altos gemidos:

— Ai! ai, mãezinha!... um espinho, um es pinho!...

Sujeitei-o, com mais energia, ao calçado, ale gando, arbitrária:

— Malandro, não me venha com mentiras! Escola ou surra!...

Nisso, porém, meu filhinho empalideceu e des maiou... Retirei o sapato e vi que um escorpião, escondido no fundo, lhe descarregara todo o ve neno...

Ó Deus de Infinita Bondade, Tu que foste imen samente piedoso para confiar um anjo a uma leoa, por que não eliminaste a leoa para que o anjo con seguisse viver?!

O que se passou alcança o indescritível.

Apesar de toda a medicação, em breve tempo minha ternura, que a dor desentranhara ao reben tar-me o coração de pedra, apertava simplesmente um cadáver miúdo, de encontro ao peito...

As horas no relógio continuaram as mesmas; entretanto, de minha parte, não mais me reconheci.

“Ai! ai, mãezinha!... um espinho, um espi nho!...” Aquelas palavras gemidas cresceram em minha alma. Jamais o equilíbrio, não mais a espe rança. Minha cabeça encaneceu, meu pensamento destrambelhou... Chorei até que meus olhos pa rassem, alucinados, na noite da loucura; acusei-me até que o manicômio me asilasse e até que o mani cômio me escondesse, piedoso, o agoniado transe da morte!...

Desencarnada, encontrei a mim própria, de mentada, atormentada, arrependida, padecente... Amparada por benditos mensageiros da caridade, tenho recolhido o consolo de vários círculos consa grados à prece.

Dizem que os supostos mortos devem falar às criaturas em aprendizado na Terra, para que as criaturas da Terra lhes aproveitem o aprendizado. Será talvez por isso que, hoje, algo reanimada para abraçar o trabalho reeducativo que me espera, es tou sustentada por benfeitores, entre os vossos ou vidos, não somente para rogar-vos um pensamento de auxílio, mas também para repetir às irmãs, a quem Deus confiou as alegrias do lar:

— Mães que pisais no mundo, compadecei-vos de vossos filhos!... Corrigi, amando! Ensinai, ser vindo! À frente de qualquer dificuldade, conservai a paciência e cultivai a oração!...

DULCE

62

Paz em casa

“Em qualquer casa onde entrardes, dizei antes: ‘paz seja nesta casa’.”

(LUCAS, 10:5.)

Compras na Terra o pão e a vestimenta, o cal çado e o remédio, menos a paz.

Dar-te-á o dinheiro residência e conforto, com exceção da tranquilidade de espírito.

Eis por que nos recomenda Jesus venhamos a dizer, antes de tudo, ao entrarmos numa casa: “paz seja nesta casa”.

A lição exprime vigoroso apelo à tolerância e ao entendimento.

No limiar do ninho doméstico, unge-te de com preensão e de paciência, a fim de que não penetres o clima dos teus, à feição de inimigo familiar.

Se alguém está fora do caminho desejável ou se te desgostam arranjos caseiros, mobiliza a bon dade e a cooperação para que o mal se reduza.

Se problemas te preocupam ou apontamentos te humilham, cala os próprios aborrecimentos, li mitando as inquietações.

Recebe a refeição por bênção divina.

Usa portas e janelas, sem estrondos brutais.

Não movas objetos, de arranco.

Foge à gritaria inconveniente.

Atende ao culto da gentileza.

Há quem diga que o lar é o ponto de desabafo, o lugar em que a pessoa se desoprime. Reconhe cemos que sim; entretanto, isso não é razão para que ele se torne em praça onde a criatura se ani malize.

Pacifiquemos nossa área individual para que a área dos outros se pacifique.

Todos anelamos a paz do mundo; no entanto, é imperioso não esquecer que a paz do mundo parte de nós.

EMMANUEL

63

Credores no lar

No devotamento dos pais, todos os filhos são joias de luz; entretanto, para que compreendas cer tos antagonismos que te afligem no lar, é preciso saibas que, entre os filhos-companheiros que te apoiam a alma, surgem os filhos-credores, alcan çando-te a vida por instrutores de feição diferente.

Subtraindo-te aos choques de caráter negati vo, no reencontro, preceitua a eterna bondade da Justiça Divina que a reencarnação funcione, recon duzindo-os à tua presença, pelo berço. É por isso que, a princípio, não ombreiam contigo, em casa, como de igual para igual, porquanto reapa recem humildes e pequeninos.

Chegam frágeis e emudecidos para que lhes ensines a palavra de apaziguamento e brandura.

Não te rogam a liquidação de débitos, na inti midade do gabinete, e sim procuram-te o colo para nova fase de entendimento.

Respiram-te o hálito e escoram-se em tuas mãos, instalando-se em teus passos para a trans figuração do próprio destino.

Embora desarmados, controlam-te os senti mentos.

Não obstante dependerem de ti, alteram-te as decisões com simples olhar.

De doces numes do carinho, passam, com o tempo, à condição de examinadores constantes de tua estrada.

Governam-te os impulsos, fiscalizam-te os ges tos, observam-te as companhias e exigem-te as horas.

Reaprendem na escola do mundo com o teu amparo; todavia, à medida que se desenvolvem no conhecimento superior, transformam-se em inspe tores intransigentes do teu grau de instrução.

Muitas vezes choras e sofres, tentando adivi nhar-lhes os pensamentos para que te percebam os testemunhos de amor.

Calas os próprios sonhos para que os sonhos deles se realizem.

Apagas-te, a pouco e pouco, para que julguem em teu lugar.

Recebes todas as dores que te impõem à alma, com sorrisos nos lábios, conquanto te amarfanhem o coração.

E nunca possuis o bastante para abrilhantar - -lhes a existência, de vez que tudo lhes dás de ti mesmo, sem faturas de serviço e sem notas de pa gamento.

*

Quando te vejas, diante de filhos crescidos e lúcidos, erguidos à condição de dolorosos proble mas do espírito, recorda que são eles credores do passado a te pedirem o resgate de velhas contas.

Busca auxiliá-los e sustentá-los com abnegação e ternura, ainda que isso te custe todos os sacrifí cios, porque, no justo instante em que a consciência te afirme tudo haveres efetuado para enriquecê-los de educação e trabalho, dignidade e alegria, terás conquistado, em silêncio, o luminoso certificado de tua própria libertação.

EMMANUEL

64

Compaixão em família

“Mas se alguém não tem cuidado dos seus e, principalmente, dos da sua família, negou a fé...” – Paulo.

(I TIMÓTEO, 5:8.)

São muitos assim.

Descarregam primorosa mensagem nas assem bleias, exortando o povo à compaixão; bordam con ceitos e citações, a fim de que a brandura seja lembrada; entretanto, no instituto doméstico, são carrascos de sorriso na boca.

Traçam páginas de subido valor em honra da virtude, comovendo multidões, mas não gravam a mínima gentileza nos corações que os cercam entre as paredes familiares.

Promovem subscrições de auxílio público em socorro das vítimas de calamidades ocorridas em outros continentes, transformando-se em titulares da grande benemerência; contudo, negam simples olhar de carinho ao servidor que lhes põe a mesa.

Incitam a comunidade aos rasgos de heroísmo econômico no levantamento de albergues e hospi tais, disputando créditos publicitários em torno do próprio nome; entretanto, não hesitam exportar, no rumo do asilo, o avô menos feliz que a provação expõe à caducidade.

Não seremos nós quem lhes vá censurar se melhante procedimento.

Toda migalha de amor está registrada na Lei, em favor de quem a emite.

Mais vale fazer bem aos que vivem longe, que não fazer bem algum.

Ajudemos, sim, ajudemos aos outros, quanto nos seja possível; entretanto, sejamos bons para com aqueles que respiram em nosso hálito. Deve dores de muitos séculos, temos em casa, no traba lho, no caminho, no ideal ou na parentela, as nos sas principais testemunhas de quitação.

EMMANUEL

65

Mãe, Deus te abençoe!...

Quero, Mãezinha, agradecer-te, em festa, por tudo o que me dás ao coração, entretecer-te uma canção modesta, mas todo esforço é vão...

Se pudesse dizer a gratidão que sinto por teu santo carinho protetor, precisaria conhecer na es sência toda a glória do amor.

Tens o segredo da Bondade Eterna, Deus me acena e sorri por tua face... Não há sábio no mun do que defina o Sol quando aparece, o lírio quando nasce!...

Falar de ti, mostrar-te? Isso seria como ex plicar da Terra, olhando a Altura, a doce mara vilha de uma estrela a guiar o viajor em noite escura.

Converto em prece o reconhecimento, que de meu peito humilde se extravasa, rogando ao Céu te envolva em rosas de ventura, anjo sustentador de nossa casa!...

Deus te guarde, mãezinha, pelo berço, descui dado e risonho, em que me acalentaste para a vida, como flor de teu sonho.

Deus te engrandeça pelos sacrifícios e pelos sofrimentos que te impus, quando em pranto es condido te arrasavas para ser minha luz.

Deus te compense pelas noites tristes de afli ção que te dei, pelo perdão de tantas vezes, tan tas!... Quantas foram, não sei...

Deus te enalteça a fonte de ternura, que nunca se enodoa e nem se cansa,

pelo cuidado com que me restauras, ante o dom do trabalho e a força da es perança!

Perdoa se te ofertо unicamente, na minha de voção de todo dia, o meu ramo de flores orvalhadas nas lágrimas que choro de alegria!

Com júbilos divinos, mãe querida, que a Ce leste Bondade te coroe!... Por tudo o que nos dás nos caminhos da vida, Deus te exalte e abençoe!...

MARIA DOLORES

Conselho Editorial:
Jorge Godinho Barreto Nery – Presidente
Geraldo Campetti Sobrinho – Coord. Editorial
Evandro Noleto Bezerra
Marta Antunes de Moura
Miriam Lúcia Herrera Masotti Dusi

Produção Editorial:
Rosiane Dias Rodrigues

Capa:
Paulo Márcio Moreira

Projeto Gráfico:
Fátima Agra

Normalização Técnica:
Biblioteca de Obras Raras e Documentos Patrimoniais do Livro

E-Book:
Diego Henrique Oliveira Santos

Mantenha-se atualizado sobre os lançamentos da FEB Editora, cadastrando-se no site www.febeditora.com.br.